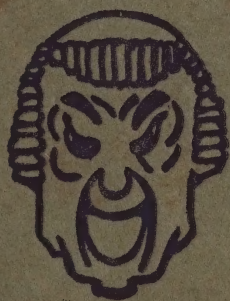
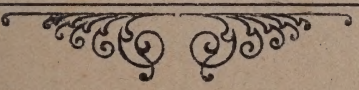
CORÔA DE ESPINHOS

PEÇA EM TREZ ACTOS

FAUSTINO DOS REIS SOUSA

Para o Ex.mo Sr. José Duarte Costa

O auctor
1923

CORÔA DE ESPINHOS

DO AUCTOR:

— VERSO —

Cantares (1910)

Meio Dia (1918)

O AUCTOR EDITOU

NOEL PERDIGÃO DESENHOU A CAPA

FAUSTINO DOS REIS SOUSA

Corôa de Espinhos

PEÇA EM 3 ACTOS

Representada pela primeira vez
no Cinema-Theatro de Villa Franca de Xira,
em 19 d'Abril de 1917

MCMXXIII

DEPOSITO:
LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO
30, TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 34
LISBOA

A' EX.MA SENHORA

Dona MARIANA HOMEM RODRIGUES SANTOS

CREADORA INSIGNE

DO PAPEL DE MAGDALENA

FIGURAS DA PEÇA
E
SEUS
PRIMEIROS INTERPRETES

MAGDALENA

Ex.ma Sr.a D. Mariana Santos

EDUARDO

Ex.mo Sr. Sabino Gomes

FERNANDO

Ex.mo Sr. Julio Santos

DR. ALBANO

Ex.mo Sr. A. Marques Lopes

JOÃO PEREIRA

Ex.mo Sr. João Paulo Vieira

O JUIZ

Ex.mo Sr. A. Diniz Lopes

ANTONIA

Ex.ma Sr.a D. Efigenia de Castro

MARIA DO CEU (5 ANOS)

Menina Etelvina Santos

ARREDORES DE LISBOA — ACTUALIDADE

Corôa de Espinhos

PRIMEIRO ACTO

Gabinete de trabalho em casa de Eduardo de Moraes. A' E. M. secretaria *ministre* com todos os petrechos de escripta; lampada electrica de *abat-jour* verde, telefone, etc. Na D. B. mesa de pé de galo. Sofá, *fauteuils*, relogio. Fogão á E. e outra lampada em qualquer movel da D. Ao F. D. e E. janelas abrindo para fóra. No F. M. porta de comunicação com o jardim.

São 8 horas da noite. Ao subir do pano Eduardo escreve sentado á secretaria. O Dr. Albano conversa com elle passeando pelo aposento. Magdalena e Maria do Ceu jogam a «Gloria» na mesa da direita.

SCENA I

Eduardo, Dr. Albano, Magdalena e Maria do Ceu

DR. ALBANO

Não me convencem os teus argumentos, meu amigo.

EDUARDO

Que lhe hei de fazer... Não tenho outros...

DR. ALBANO

Nunca uma facil victoria foi motivo de orgulho para um grande general. A vida, sem trabalhos, sem horas de sacrificio, seria uma jornada insipida, ingloria, ao fim da qual se não encontraria, em caso algum, a satisfação do dever cumprido, a justa recompensa dos que sabem batalhar e vencer...

MAGDALENA, *lançando os dados*

Quatro... e cinco... nove. Pomba.

MARIA DO CEU

Vôa para o 36.

EDUARDO

Diga o que quizer, meu tio. Se eu tivesse uma fortuna parecida com a dos grandes milionarios americanos não fazia absolutamente nada.

DR. ALBANO

E's uma creança!

EDUARDO

Pois quê?... Ha lá coisa mais estupida do que o trabalho diario, a todas as horas, a todos os momentos, á mesa d'um escriptorio, aiñda que o sol aqueça as almas lá fóra e as ruas vão cheias de mulheres formosas?

DR. ALBANO

Lembra-te de que dissertas em tua casa e que tua mulher nos está ouvindo...

EDUARDO

Falo na generalidade, é claro. De resto, Magdalena sabe muito bem quanto eu a estimo.

MAGDALENA, *continuando a jogar*

Seis... e seis... dôze. Vê como eu caminho...

MARIA DO CEU

Cautela com o pôço...

DR. ALBANO

Não me agrada a tua filosofia, Eduardo.

EDUARDO

Pois sinto bastante, meu tio. Digo sempre o que penso, embore use, ás vezes, d'uma franqueza... um tanto rude.

DR. ALBANO

E' uma bôa qualidade, afinal.

EDUARDO

Trabalhar... o menos possivel... Por absoluta necessidade ainda se comprehende. Por gôsto, não. Que tudo isso, de resto, não vae além d'uma theoria mais ou menos abstracta. O tio lembrame aquelles medicos que não se fartam de aconselhar os exercicios fisicos para conservação da saude, mas que não andam dez minutos a pé, não mudam uma cadeira d'aqui para ali, e nunca sentiram tentações de imitar o cavador, para vêrem se o uso da enxada, ainda que moderado, lhes daria o necessario desenvolvimento dos musculos...

DR. ALBANO

Estás completamente fóra da questão. Argumentas com a infantilidade d'um alumno de instrucção primaria.

EDUARDO

Como não concordo comsigo....

DR. ALBANO

Ora dize-me: O que seria o mundo se todos pensassem como tu?... Quem teria descoberto todas as maravilhas da civilisação moderna, as mil e uma coisas que nos tornam a vida facil e agradavel?

EDUARDO

Mas... perdão... Eu não aconselho os outros a que sigam a minha escola... Pelo contrario... desejo até que a desconheçam por completo.

DR. ALBANO

N'esse caso... és o ultimo dos egoistas.

EDUARDO

Serei. Mas que culpa tenho eu de que sendo a vida uma coisa triste e efémera nem todos pensem na forma de a tornar, ao menos, suportavel?

DR. ALBANO

Só o trabalho dignifica. Só uma vida honrada e laboriosa nos pode dar a paz da consciencia.

EDUARDO, *com enfase*

Trabalhae meus irmãos, que o trabalho
E' saude, é riqueza, é vigor.
D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam villas, cidades, amor!...

Belo thema para uma conferencia a realisar na minha fabrica. Quer o tio encarregar-se d'isso? Lá é que as suas theorias me aproveitam. Quanto mais os operarios trabalharem mais eu poderei gosar. E' uma regra directamente proporcional.

(O Dr. Albano encolhe os hombros n'um movimento de compaixão).

MAGDALENA

Ganhaste, minha filha. Chegaste á gloria primeiro do que eu. Estás contente?

MARIA DO CEU

Estou, sim, mamã.

MAGDALENA

Bom. Agora vaes deitar-te que são horas. Despede-te do papá e do tio Dr.

MARIA DO CEU

Adeus, papásinho, até amanhã.

EDUARDO, *beijando-a*

Adeus, minha filha.

MARIA DO CEU

Bôa noite, tio Dr.

DR. ALBANO

Adeus, Maria do Ceu. Dá cá um beijo. *(Beija-a).* Quando é que tu dás lições de moral ao teu papá?...

MARIA DO CEU

Quando? Quando fôr *mais maior*...

DR. ALBANO

Hum!... Parece-me que já o poderias fazer...

MAGDALENA

Ora o tio... (*Sae com Maria do Ceu pela D. B.*)

SCENA II

Eduardo e Dr. Albano

EDUARDO, *deixando de escrever*

Não estou para mais. Sinto-me farto de algarismos e de somas.

DR. ALBANO

Não te fatigues, meu rapaz. As vidas estão curtas e...

EDUARDO

O guarda-livros que trabalhe, não acha? Para que lhe pago eu?... *(Ao telefone).* Está lá? (*Pausa*). Sou eu, sim. Como vae o balanço? Adiantado? (*Pausa*). Bom. Chegue aqui ao escriptorio para falarmos. *(Põe o auscultador no descanço).* O que se canta hoje em S. Carlos?

DR. ALBANO

Não sei bem. Creio que vi annunciado o *Othelo.*

EDUARDO

Detesto a opera mas vou até lá. Passou a epoca dos Othelos ciumentos e ridiculos...

DR. ALBANO

Não sei, meu caro sobrinho... Olha que os Cassios foram de todos os tempos... e ha mulheres ás quaes não é licito exigir a constancia e a fidelidade da pobre Desdémona.

EDUARDO

Qual historia... Quando a mulher é suficientemente honesta...

DR. ALBANO

Eu sei... Mas olha que o meio... as circunstancias...

EDUARDO

Novamente em desacordo. Não ha fórma de nos entendermos, tio.

DR. ALBANO

Pelo que vejo...

EDUARDO

Vou mudar de fato e volto já para sahirmos. *(Sae pela E. A.)*

SCENA III

Dr. Albano, depois Magdalena e Fernando

DR. ALBANO

Este rapaz, este rapaz!... Demonio... Não vae longe... Ou eu me engano muito ou vem a acabar mal. Indolente... Perdulario... Pouco amigo da mulher... Preciso vigial-o. Pobre sobrinha! Era digna de melhor sorte!

MAGDALENA

A Maria do Ceu já se ficou a dormir... Ora veja, tio. Ah! quando se tem aquella idade!...

DR. ALBANO

Não ha insomnias, nem sonhos que não sejam côr de rosa... Santa inocencia! Flôr toda fragancia que a rude aragem da vida emurchece e desfólha. Quem me dera ver-te ainda, Magdalena, quando tinhas a sua idade e brincavas nos meus joelhos, tranquila e descuidosa...

MAGDALENA, *com tristeza*

Se fôsse possivel!

DR. ALBANO

Como teu pae te queria e como elle ambicionava para ti um futuro risonho, cheio de felicidades... Meu pobre irmão! Bastante trabalhou para isso e afinal...

MAGDALENA

Mas eu sou feliz, meu tio... Rica... Com uma filhinha que adoro... Amada por meu marido... Que mais poderia eu desejar?...

DR. ALBANO

Não, Magdalena. Tu iludes-te ou pretendes iludir teu velho tio. Não és feliz... e nem sei se o poderás ser algum dia...

MAGDALENA

Ai que pessimista que o tio vem hoje. O seu espirito de investigação atraiçôa-o d'esta vez.

DR. ALBANO

Assim será, Magdalena. Mas mudemos de assumpto: Despediste as tuas creadas?

MAGDALENA

Não, meu tio. Como hoje é sabado dei-lhes licença para irem vêr a familia. E' costume...

DR. ALBANO

E não tens medo de ficar só?

MAGDALENA

Isso sim... Quem me ha de fazer mal se eu não faço senão bem aos outros?...

DR. ALBANO, *com intenção*

Teu marido recolhe cêdo, não?...

MAGDALENA

Meia noite... uma hora...

DR. ALBANO

Não fazendo ofensa ás quatro ou ás cinco...

MAGDALENA

Qual?! Exageros...

FERNANDO, *entrando pelo F. M.*

O sr. Moraes, sahiu já?

DR. ALBANO

Não tarda ahi. (*A Magdalena*) Se queres que te fique a fazer companhia...

MAGDALENA

Obrigada, meu tio. Já estou costumada a ficar só...

DR. ALBANO

Ah! já estás costumada... (*Baixo a ella*) Queres dissimular e contradizes-te a cada passo. Não resistias a dez minutos de interrogatorio em fórma...

SCENA IV

Os mesmos e Eduardo

EDUARDO

Ah! é você Fernando?...

FERNANDO

Sim, senhor Moraes. Trouxe estes livros para V. Ex.ª vêr umas contas que me parecem já bastante avolumadas. Talvez fôsse bom...

EDUARDO, *interrompendo-o*

Não tenho agora tempo para isso. O mais pre-

ciso é que o senhor me acerte este balancete que não ha maneira de conferir.

DR. ALBANO, *que tem ido buscar o chapeu e a bengala*

Adeus, Magdalena. Uma noite feliz.

MAGDALENA

Adeus, meu tio.

EDUARDO

Sente-se aqui á secretaria e não se retire antes de tudo concluido.

FERNANDO

V. Ex.ª recorda-se de que marcou uma entrevista ao Pereira, para hoje, ás nove horas, no escriptorio da fabrica?

EDUARDO, *contrariado*

E' verdade... Ah! mas a opera é que eu não deixo. Olhe: diga-lhe qualquer coisa... que um negocio importante... Emfim, diga-lhe o que lhe parecer.

FERNANDO

Sim, senhor Moraes.

EDUARDO

Até logo, minha querida. Eu hoje venho cêdo.

MAGDALENA

Vem quando quizeres.

EDUARDO

A Maria do Ceu já dorme?

MAGDALENA

Já.

EDUARDO

Dá-lhe um beijo por mim. Vamos, meu tio?

DR. ALBANO

Vamos. *(Sahem pela D. A.)*

SCENA V

Magdalena e Fernando

(Momento de silencio. Fernando escreve à secretaria. Magdalena sentou-se à mesa da D. e folheia distrahidamente uma ilustração. A certa altura vae para dirigir a palavra a Fernando mas detem-se. Por fim, resolve-se, e enceta, constrangidamente, o dialogo.)

MAGDALENA

Sr. Fernando: Eu queria pedir-lhe uma fineza.

FERNANDO

V. Ex.ª não pede, minha senhora: V. Ex.ª ordena e eu cumpro fielmente as suas ordens.

MAGDALENA

Deixe esse tom excessivamente grave, Fernando. Fômos companheiros de infancia, irmãos, por assim dizer. Porque ha-de agora falar-me d'esse modo?

FERNANDO

Será como V. Ex.ª entender, senhora D. Magdalena.

MAGDALENA

Eu queria pedir-lhe uma fineza, como disse. Trata-se d'uma informação que de fórma alguma póde implicar com os seus deveres profissionaes, dada a minha qualidade de interessada no assumpto. Seja franco e responda sinceramente, com a sinceridade com que responderia a sua mãe, se ella, da Eternidade, o pudesse interrogar.

FERNANDO

Assim farei, juro-o.

MAGDALENA

Por certas palavras que teem chegado até aos meus ouvidos e pelo pouco interesse que a meu marido veem merecendo os negocios da fabrica, começo a sentir algum receio pela situação d'esse grande estabelecimento que por morte de meu pae nos foi entregue ha aproximadamente três annos. Como guarda-livros de meu marido conhece, por certo, até que ponto poderão ser justificados os meus receios...

FERNANDO

De facto, assim é, minha senhora.

MAGDALENA

Pois bem: Em sua opinião qual é, n'este momento, a situação financeira da nossa casa?

FERNANDO

A peor possivel.

MAGDALENA

Irremediavel?...

FERNANDO

Parece-me que só um milagre nos poderá salvar.

MAGDALENA

Eram fundadas as minhas suspeitas. Espera-nos, portanto...

FERNANDO

A falencia, que já se teria produzido se a firma não vivesse ainda do prestigio que o pae de V. Ex.ª lhe deixou...

MAGDALENA

Santo Deus!...

FERNANDO

Pediu-me que lhe falasse com sinceridade... E' o que estou fazendo.

MAGDALENA

Continue, Fernando.

FERNANDO

O balanço a que se procede n'este momento deve acusar um passivo de mil e quinhentos contos aproximadamente.

MAGDALENA

Mas... o que tem feito Eduardo a tanto dinheiro?...

FERNANDO

Ignoro-o, minha senhora.

MAGDALENA

Julga, portanto, sem remedio a nossa situação financeira...

FERNANDO

Deve-se muito, e a continuar a pessima administração que a fabrica tem tido será inevitavel a ruina.

MAGDALENA

Mas d'essa fórma, o que havemos de fazer?

FERNANDO

Não sei... não sei... A situação é, realmente, tão melindrosa...

MAGDALENA

Que desgraça para a minha pobre filha! Como hei-de eu vel-a um dia reduzida á miseria e sem o nome honrado que meu pae me legou!... *(Transição)* Mas não será possivel fazer suspender esta carreira desordenada para o abismo?...

FERNANDO

Sabe lá, Magdalena, quantas noites de vigilia, quantas horas de amargura tenho sofrido. Não por elle que o não merece, mas por si, a quem eu tanto quiz... e quero... e por essa pobre creança que não

tem culpa de ter vindo ao mundo em consequencia de um casamento que só fez desgraçados...

MAGDALENA

Não divague, Fernando, pelo amôr de Deus lhe peço. Ha palavras que eu não posso ouvir. Entende?... Se é nosso amigo, diga tudo que sabe, tudo que nos possa orientar no meio do cáos em que nos encontramos. Póde tentar-se ainda um esforço, não é verdade?... E o sr.? Está prompto a ajudar-nos, a sacrificar-se por mim e por minha filha?...

FERNANDO

A morrer, se tanto fôr preciso.

MAGDALENA

Pois bem. Diga o que se ha de fazer. Apresente um alvitre para vêrmos se será possivel evitar a catástrofe...

FERNANDO

Tenha esperança, Magdalena. Eu ainda não disse tudo.

MAGDALENA

Então fale, fale por quem é.

FERNANDO

E' possivel que dentro de pouco tempo se realize um grande negocio de lãs com a mais importante fabrica de lanificios de Nova York. Temos uma avultada existencia do artigo por motivo da pouca producção da nossa casa nos ultimos tempos. Se esse

negocio se realizasse os lucros seriam enormes, ficando nós desde logo habilitados a satisfazer alguns credores mais exigentes. O resto — que seria ainda muito — talvez se fôsse conseguindo pouco a pouco...

MAGDALENA

Se Deus o quizesse ouvir...

FERNANDO

Tenho grandes esperanças n'esta operação... Se entretanto seu marido se resolvesse a trabalhar, fazendo economias... olhando pelo futuro...

MAGDALENA

Foi o senhor quem tratou de tudo, não?

FERNANDO

Fui. Tive conhecimento do assumpto por um amigo chegado ha dias d'uma longa viagem pela America... A resposta á nossa oferta deve estar em Lisbôa no fim da proxima semana.

MAGDALENA

Por tanto, se conseguisse-mos manter a situação por mais quinze ou vinte dias seria possivel evitar-se a derrocada...

FERNANDO

Assim o julgo, Magdalena Ha, porém, uma grande dificuldade a vencer...

MAGDALENA

Uma dificuldade?

FERNANDO

Sim; terrivel, ameaçadora...

MAGDALENA

Oh! Meu Deus!

FERNANDO

No numero dos credores de seu marido figura um tal João Pereira, mixto de agiota e de bandido, capaz de todos os crimes...

MAGDALENA

Conheço esse homem que bastante concorreu para a morte de meu pae. Perseguiu-me durante algum tempo com os seus galanteios, e um dia atreveu-se a pedir a minha mão. Como meu pae lhe fizesse notar o que havia de impertinente no seu pedido, votou-lhe um odio de morte...

FERNANDO

Seu marido sempre se entendeu com elle... Hoje, porém, está-lhe nas mãos. Deve-lhe dinheiro, muito dinheiro, uma quantia enorme a cujo pagamento vem fugindo com as evasivas dos que nada teem, dos que nada pódem.

MAGDALENA

Ao que Eduardo tem descido...

FERNANDO

O Pereira ameaça-o com um arresto á fabrica, e se o sr. Moraes se não apresenta francamente a conjurar o perigo é muito capaz de realisar a sua promessa. Se tal acontecer estaremos perdidos porque a falencia será inevitavel.

MAGDALENA

E' sempre o abismo a querer tragar-me. A infamia espreitando esta casa onde a honra sempre viveu...

FERNANDO

Seu esposo vem iludindo esse homem com promessas que nunca poderá cumprir, e agora mesmo foge a uma conferencia que lhe havia marcado... para não perder... uma ou duas horas de S. Carlos... E' inaudito!

MAGDALENA

A noção que elle tem dos seus deveres...

FERNANDO

A's nove horas tel-o-hei no escriptorio da fábrica, feroz, inexoravel, como um algoz á espera da sua victima. Deixe-me ser franco, Magdalena: Seu marido é o culpado de tudo que se está passando e a senhora, sendo a mais santa das mulheres, é a mais desgraçada das espôsas.

MAGDALENA, *chorando*

O que fiz eu, meu Deus, para ser tão cruelmente castigada!

FERNANDO

Socegue, Magdalena. Para lhe evitar uma lagrima seria eu capaz de todos os sacrificios. Para a salvar da situação em que se encontra praticarei até os maiores crimes se tanto fôr preciso. Pois não vê que a amo ainda com a intensidade, com o ardôr de ha oito annos?. . .

MAGDALENA

Oh! Cale-se! Cale-se!...

FERNANDO

Não tenho eu vivido exclusivamente para si, para a sua lembrança, para a sua sombra?... Quanto eu tenho sofrido, Magdalena, calcando no fundo do coração este amôr, assistindo, como empregado d'esta casa á felicidade de seu marido. Esse homem nunca a comprehendeu, nunca viu quanta grandeza, quanta abnegação ha na sua alma, Magdalena. E a senhora que tanto conviveu comigo, que devia ter percebido quanto eu a amava, passou por mim insensivelmente, não deu por este amôr que foi sempre a razão da minha existencia... E lançou-se nos braços d'esse homem, d'esse egoista que a tornou uma desventurada.

MAGDALENA

Foi o Destino, Fernando. Não tinha que ser...

FERNANDO

Eu era pobre, bem sei; filho d'um modesto empregado de seu pae. Mas não foi essa, decerto, a razão da sua indiferença.

MAGDALENA

Mas... Fernando: Pense bem no que está dizendo e não queira tornar-me mais desgraçada, ainda. A dois passos de nós dorme a minha pobre filha. Eu não quero que ella um dia me possa considerar indigna do seu amôr. Sou uma mulher casada e por coisa alguma d'este mundo mancharia o nôme do homem a quem, perante Deus, jurei respeitar.

FERNANDO

Comprehendo-a e admiro-a, Magdalena! Mas diga-me: A que veem tantos escrupulos, tantos cuidados por um libertino que a esquece a todas as horas nos braços das suas amantes? *(João Pereira aparece na janela do F. E.)*

MAGDALENA

Cale-se, Fernando. Por Deus lh'o peço!

FERNANDO, *n'um arroubamento, enlaçando-a*

Esqueça o mundo, esqueça tudo e seja minha, só minha! Amo-a loucamente... apaixonadamente!... Serei o seu escravo, o seu amôr constante...

MAGDALENA

Para que continua a falar-me assim? Não vê que me martirisa? Que sôfro horrivelmente?...

FERNANDO

Iremos para muito longe... Trabalharei para si e para sua filha... A grandeza do meu amôr vencerá todos os obstaculos ..

MAGDALENA, *cedendo, quasi*

Não, Fernando!... Não me perca...Não posso... Não devo...

FERNANDO

Magdalena, Magdalena! Minha martir! Minha santa!... (*...e põe-lhe um grande beijo, fremente, prolongado. João Pereira afasta-se da janela*)

MAGDALENA, *como que despertando, n'um grito angustioso*

Fernando!... (*Depois d'um silencio, chorando convulsivamente*) Tambem elle... Tambem elle... Não tenho ninguem... todos me escarnecem... todos me ofendem... Como sou desgraçada!... (*Outro silencio*).

FERNANDO

Mas oiça, Magdalena...

MAGDALENA

Tudo é inutil. Não posso ouvil-o mais. Supuz que era meu amigo, meu irmão. Enganei-me. Nada quero, nada posso esperar de si...

FERNANDO

Perdôe-me, Magdalena. Foi um momento... uma vertigem... Não me queira mal... Ofendi-a muito, mas sei o que devo fazer... (*Tira um revolver da algibeira.*) Uma bala d'esta arma fará eterno silencio sobre tudo que acaba de se passar.

MAGDALENA, *tirando-lhe o revolver, com um sorriso*

Louco! Pois não vê que lhe perdô-o, que preciso de si... do seu auxilio, da sua dedicação? Como poderia eu, sósinha, salvar esta casa da miseria e da deshonra?!.. (*põe o revolver sobre a mesa da D. B.*) Um dia, quando a tranquilidade tiver voltado ao seu espirito, comprehenderá quanto eu fui sua amiga procedendo como até hoje. Mas, por Deus! Não me comprometa. Trabalhe para me salvar e nunca para me perder. Lembre-se da equivoca situação em que ficariamos se esta scena tivesse tido testemunhas...

FERNANDO

Tem razão, Magdalena. Mas eu precisava dizer-lhe tudo. Agora resta-me o silencio... e talvez a morte...

SCENA VI

Os mesmos e João Pereira

JOÃO PEREIRA, *entrando pelo F. M.*

Peço mil desculpas se me apresento sem ter sido anunciado...

FERNANDO, *baixo*

Elle!

MAGDALENA, *idem*

Meu Deus!

JOÃO PEREIRA

Esperei um quarto de hora no escriptorio da fabrica sem que alguem me aparecesse, e como vi

luz para estes sitios vim até aqui... Espero, pois, que me desculpem se sou importuno...

MAGDALENA

Meu marido encarregou o sr. Fernando de lhe apresentar as suas desculpas, mas um negocio urgente...

JOÃO PEREIRA

Desculpas... negocios... A cantiga do costume... O que vale é que isto está por pouco...

FERNANDO, *baixo*

As eternas ameaças!

MAGDALENA

Tinha muito que dizer a meu marido, pelo que vejo...

JOÃO PEREIRA

Muitissimo...

MAGDALENA

N'esse caso, eu propria o atenderei...

JOÃO PEREIRA

A senhora?!...

MAGDALENA

Eu, sim. Porque não?

JOÃO PEREIRA

E' que... trata-se d'uma questão de dinheiro...

MAGDALENA

Não importa.

JOÃO PEREIRA

Realmente... vistas bem as coisas... era a senhora que devia resolver todos estes assumptos... Quando elle casou comsigo era pobre como Job. Não tinha nada... E hoje creio que está na mesma... Mas, emfim, isso é com a senhora e com elle... Se está disposta a ouvir-me... E' até muito possivel que nos entendamos melhor...

MAGDALENA, *a Fernando*

Desejo ficar só com este senhor.

FERNANDO

Mas...

MAGDALENA

Obedeça. (*Fernando sae pelo jardim.*)

SCENA VII

Magdalena e João Pereira

MAGDALENA

Estou ás suas ordens, sr....

JOÃO PEREIRA

João Pereira, para a servir...

MAGDALENA

Agradecida.

JOÃO PEREIRA

Eu procurava seu marido, á hora que elle me indicou, para lhe dizer, pela ultima vez, que preciso de dinheiro.

MAGDALENA

E' então meu marido que deve dinheiro a V. S.ª?...

JOÃO PEREIRA

Pois quem?... Havia de ser eu o devedor?... Bem se vê que V. Ex.ª não conhece a fôrça do melro que escolheu para marido. Aquilo é passaro de muito saber...

MAGDALENA

Advirto-o, senhor, de que dispenso comentarios e apreciações perfeitamente inuteis n'este momento.

JOÃO PEREIRA, *depois d'um silencio*

Recebe-me com sete pedras na mão, pelo que vêjo... Pois bem... Veremos até onde chega a sua valentia.

MAGDALENA

Diz que meu marido lhe deve dinheiro...

JOÃO PEREIRA

Deve.

MAGDALENA

Quanto?

JOÃO PEREIRA

Duzentos e dois contos e quinhentos mil reis.

MAGDALENA

O quê?!...

JOÃO PEREIRA

Duzentos e dois contos e quinhentos mil reis. Creio que me explico bem...

MAGDALENA

Isso é lá possivel!..

JOÃO PEREIRA

E' tão possivel como V. Ex.ª estar na presença do capitalista João Pereira a quem não falava ha muitos annos. Recorda-se da ultima vez?...

MAGDALENA

Mas... é uma quantia fabulosa...

JOÃO PEREIRA

Todo esse dinheirinho sahiu do meu bolso... E saiba, minha senhora, que o não fabríco lá em casa. Ganhei-o com muito trabalho e muita esperteza. Precisamente o contrario do que succede com seu marido que o tem perdido com muita preguiça e muita ignorancia.

MAGDALENA

Mas como póde Eduardo ter gasto tanto dinheiro? Esse, e todo o que lhe deu o nosso casamento?...

JOÃO PEREIRA

Como?... Jogando-o e gastando-o com as amantes... Parece-lhe pouco? Nunca vi maior desgraçado a jogar. E' o imbecil mais completo que eu conheço. Sendo preciso, jóga a camisa do côrpo, a honra, tudo... Até V. Ex.ª, se alguem lhe aceitar a parada ..

MAGDALENA, *baixo*

Perdidos! Irremediavelmente perdidos!

JOÃO PEREIRA

Felizmente, não sou credor de dinheiro perdido ao jogo que é coisa muito bôa . . para os idiotas... Essa divida é proveniente de letras que aceitei... sem dar por isso... mas que paguei religiosamente no dia do vencimento, porque, afinal, não sou tão mau como pareço. Trago-as aqui. Quer vêl-as?...

MAGDALENA

Mas é impossivel meu marido dar-lhe todo esse dinheiro n'esta ocasião.

JOÃO PEREIRA

Para mim não ha impossiveis. De resto, o sr. Eduardo de Moraes não se tem incomodado muito com este negócio. Em vez de me procurar, evita-me, manga comigo. Peor para elle porque o saco está cheio e agora ou dinheiro ou... penitenciaria...

MAGDALENA

O quê?! Por Deus, não repita semelhante infamia.

JOÃO PEREIRA

Mas o que eu digo é tudo quanto ha de mais natural... Pois não comprehendeu já que seu marido falsificou a minha assignatura por diversas vezes para fazer duzentos e dois contos e quinhentos? Que é um ladrão, sujeito á pena maior?!

MAGDALENA

Não, não pode ser! O sr. mente.

JOÃO PEREIRA

Minto? .. Então que falem verdade os peritos chamados ámanhã pelo Tribunal para examinarem as letras... Mal fiz eu não metendo seu marido na cadeia logo que me apresentaram a primeira letra a pagamento.

MAGDALENA

Mas tudo isto é horrivel! Eu não posso conceber semelhante monstruosidade!

JOÃO PEREIRA

Ha muito que seu marido me vinha pedindo avultadas quantias para acudir a dificuldades resultantes da vida desregrada e escandalosa que leva em Lisbôa. Servi-o emquanto pude. Mais tarde pagou-me tudo e eu jurei não cahir n'outra. Um dia, procurou-me novamente. Pretendia saldar grandes compromissos tomados ao jôgo e não tinha a décima parte do que precisava. Pediu-me para pôr o aceite em letras que descontaria imediatamente. Recusei, apesar do juro fabuloso que me oferecia. Insistiu. Recusei sempre. — «Eu lhes porei o aceite, acrescentou, sorrindo.» — «Vêja no que se mete, lhe disse eu.» E o resultado viu-se. Falsificou a minha assignatura e pôs as letras no mercado. Mais tarde paguei-as para não fazer escandalo. Ah! Mas tinha-o seguro e bem seguro... Estou farto de ser escarnecido, ludibriado por esse homem. Agora quero o meu dinheiro custe o que custar, dôa a quem doer.

MAGDALENA

Mas, sr. João Pereira, tenha piedade de nós! Lembre-se de que tenho uma filhinha a quem desejo legar um nome honrado e sem mancha. Se esta vergonha se torna do dominio publico ficaremos

deshonrados para sempre. Peço-lhe pela memoria de meu pae de quem o sr. foi amigo.

JOÃO PEREIRA, *n'uma gargalhada*

Fraca recomendação vae buscar para ser servida. Seu pae correspondeu á minha amizade com uma afronta que eu nunca lhe perdoarei. Quando um dia, enfeitiçado pela beleza de V. Exª, lhe pedi a sua mão, teve a audacia de me censurar por isso, e pouco faltou para me expulsar de sua casa, como se eu fôsse indigno de pertencer, pelo casamento, á familia d'um fabricante de fazendas... Foi aqui, n'esta mesma sala, que a scena se passou. Lembro-me como se fôsse hoje. A senhora—valha a verdade—tambem me tratou sempre com o maior desprezo. Pois foi cahir em bôas mãos, não haja duvida... Podia estar riquissima se tem casado comigo. Assim, não passa d'uma pobretôna, porque nada d'isto lhe pertence já. Nem a mesa onde come, nem o leito em que descança. E' tudo dos seus credores que aqui teem o seu dinheiro, e ámanhã—expulsa d'esta casa—será obrigada a procurar outra... por esmola.

MAGDALENA

Não posso mais! Isto é superior ás minhas fôrças! Dê-nos alguns dias de espera, senhor! Brevemente será reembolsado de todo o dinheiro que lhe devemos. Quinze ou vinte dias podem ser a nossa salvação.

JOÃO PEREIRA

Muito já eu tenho esperado. Agora irei até ao fim. Sêlos nas portas e tudo na rua.

MAGDALENA

Por piedade, senhor!

JOÃO PEREIRA

Nada, nada. Nem mais um dia.

MAGDALENA

Peça o que quizer. Tudo aceitaremos.

JOÃO PEREIRA, *depois d'um silencio*

Bem... vejâmos se é possivel entendermo-nos. Não estarei longe de lhe conceder, ainda, qualquer prazo, mas, como deve comprehender, necessito de... compensações...

MAGDALENA

Meu marido dar-lhe-ha todas que lhe pedir.

JOÃO PEREIRA, *com um sorriso*

Mas, perdão... Não se trata agora de seu marido... Trata-se... de V. Ex.ª...

MAGDALENA

De mim?!

JOÃO PEREIRA

Pois de quem?...

MAGDALENA

Mas... ou eu estou sonhando ou tenho na minha presença o ultimo dos miseraveis.

JOÃO PEREIRA

Não suponha que perco a serenidade ouvindo tão desagradaveis expressões. Quiz atender-me, não é verdade? Pois eu falo como posso e sei. Acima de tudo sou homem de negócios, e como tal lhe fiz a minha proposta que, no fim de contas, é tudo quanto ha de mais lógico... A senhora, um dia, trocou-me por seu marido... Hoje, para o salvar, fazia precisamente o contrario...

MAGDALENA

Basta! Não posso, não quero ouvir mais!... O homem que escarnece das lagrimas d'uma mulher que quasi se roja a seus pés, para em seguida lhe fazer propostas infames, é um scelerado cuja presença só causa repulsão.

JOÃO PEREIRA

O que ahi vae, santo Deus, o que ahi vae... E' preciso não tomar as coisas tanto a peito e raciocinar serenamente. Ora vejâmos: Ouvindo-a falar, com tanta indignação depois do que eu lhe disse, deve-se concluir que V. Ex.ª, apesar de tudo, ama extraordinariamente seu marido. Suponhâmos que assim é.

MAGDALENA

Acaso o duvida, miseravel?

JOÃO PEREIRA, *ironico*

Qual?! Nem por sombras... Ora quanto mais V. Ex.ª amar seu marido, maiores razões existirão para se sacrificar por elle... Não acha que tenho razão? Isto, admitindo a hipothese de que eu seja um ho-

mem tão repelente que constitua, como amante, um verdadeiro sacrificio para uma mulher...

MAGDALENA

Saia, miseravel! Saia já d'esta casa!

JOÃO PEREIRA

Bom, bom... não se fala mais em tal. E' a segunda vez que saio, vexado, por aquela porta. Ah! mas a desforra tenho eu segura e os seus efeitos não se hão de fazer esperar, juro-o. Ofendeu-se... Coitada! Quando seu marido passeia em Lisbôa com amantes de preço não mostra tanta consideração pela espôsa que escarnece, sem dó nem consciencia. O que vale é que a senhôra, para matar paixões, vae-se lançando nos braços do guarda-livros... que é menos repelente do que eu...

MAGDALENA

Cala-te, bandido, infame calumniador!

JOÃO PEREIRA

Vi eu, com estes dois...

MAGDALENA

O quê, miseravel?

JOÃO PEREIRA

Que a senhora é amante d'esse rapaz que d'aqui sahiu ha pouco.

MAGDALENA

E' falso!

JOÃO PEREIRA

E' verdade! Dil-o-hei em toda a parte... porque vi.

MAGDALENA, *pegando no revólver*

Cala-te, miseravel! Cala-te imediatamente. (*Desfecha.)*

JOÃO PEREIRA, *ferido*

Socôrro! Matam-me! *(Leva as mãos ao peito e encosta-se á secretaria, desfalecido)*

MARIA DO CEU, *no quarto*

Mamã! Mamã! Tenho mêdo!

MAGDALENA

Deus de piedade que me perdi!

MARIA DO CEU

Mamã! Mamã!

MAGDALENA, *sahindo pela D. B.*

Socega minha filha! Estou eu aqui! Não tenhas mêdo!

JOÃO PEREIRA, *agonisante*

Estou... ferido... feri...do... de morte... Bem... o... sinto... Deu-me a matar... Maldita!... Não... ficarás... impune... *(Debruça-se sobre a secretaria e, trémulo, vacilante, escreve n'um papel que ali encontra, até que as fôrças o abandonam).* A Justiça... me... vin... gará. In... fer... no!

Não... posso... Não... vejo... Luz... tragam luz!... So... corro!... (*E cae, inerte, com o papel em que escreveu fechado n'uma das mãos.*)

SCENA VIII

Fernando e Magdalena

FERNANDO

Magdalena! O que sucedeu? (*Vendo João Pereira no chão*) Que vejo?! (*Junto d'elle, depois de o auscultar*) Mas este homem está môrto!

MAGDALENA, *entrando*

Escarneceu-me. Insultou-me. Matei-o alucinada. Não sei como isto foi. Matei-o! Matei-o!

FERNANDO

Que enorme desgraça, Magdalena!

MAGDALENA

Agora estou perdida! Perdida para sempre!

PANO, RAPIDO

SEGUNDO ACTO

O mesmo gabinete do primeiro acto. Portas e janelas fechadas. A scena é iluminada, apenas, pela lampada colocada na secretaria.

No dia seguinte, de manhã. Ao subir do pano Magdalena dormita no sofá, à direita. Ha um silencio, e inicia-se o segundo acto da peça.

SCENA I

MAGDALENA, *sonhando, agitada*

Quero fugir... Quero morrer... Sangue... Ali... Socôrro!... (*Desperta*) Isto que quer dizer?... Ah! sim .. recordo-me agora. Não foi um pesadelo, não. Aquelle homem... Os seus insultos... Matei-o, recordo-me bem. Ali, n'aquelle sitio... Parece-me vel-o ainda, estendido, hirto, os olhos sahidos das órbitas... a bôca torcida n'um esgar horrivel, como que a lançar-me a sua maldição eterna. Se tudo se descobre, o que vae ser de mim, grande Deus! *(Sóbe e abre a janela do F. E.)* Dia claro... *(Olhando o relogio)* Dez horas... Eduardo não vol-

tou ainda... Onde estaria, risonho e feliz, á hora em que eu me sacrificava por elle... Oh! não poder eu odial-o agora com o mesmo ardor com que o tenho amado sempre!

SCENA II

Magdalena e Antonia

ANTONIA, *com uma bandeja, chocolateira, chavena, etc.*

O chocolate, minha senhora.

MAGDALENA

Não quero nada.

ANTONIA

A senhora está tão palida... Sente-se doente? Quer que chame alguem?...

MAGDALENA

Não. Não tenho nada. A que horas voltou esta noite?

ANTONIA

Davam onze horas no relogio da sala de jantar quando eu e a Juliana entravamos em casa.

MAGDALENA

Estava tudo em socego?

ANTONIA

Tudo. Não vim falar á senhora por calcular que estivesse deitada.

MAGDALENA

Fez bem.

ANTONIA

Ai, minha senhora, se soubesse o que o leiteiro me disse esta manhã...

MAGDALENA

Logo me conta. Agora deixe-me.

ANTONIA

Mataram um homem esta noite, aqui perto.

MAGDALENA

O quê?!

ANTONIA

E' verdade. Aquilo *diz* que metia dó... Deram-lhe um tiro. Naturalmente para o roubarem. Como tinha fama de rico...

MAGDALENA, *baixo*

Elle!...

ANTONIA

Appareceu lá em baixo, naquella rua estreita que vem ter á fabrica... Elle sempre ha gente...

MAGDALENA

Bem, bem. Leve tudo isso e veja, depois, se a menina se quer levantar.

ANTONIA

Sim, minha senhora. (*áparte, sahindo, depois de ter aberto a janela do F. D.*) Sempre está com uma cara de desenterrada...

SCENA III

Magdalena e Fernando

MAGDALENA

Sinto-me desfalecer! Se eu pudesse descançar alguns momentos... Mas como? Como esquecer todo o horror da minha situação?. .

FERNANDO, *na janela, a meia voz*

Magdalena! Magdalena!

MAGDALENA, *assustada*

Meu Deus! Quem me chama?

FERNANDO

Sou eu; nada receie.

MAGDALENA

Ah! E' o senhor... Entre, depressa. Môrro de angustia.

FERNANDO, *entrando pelo F. M.*

Que horror de noite, Magdalena! Em que tragedia nos envolveu a Fatalidade!

MAGDALENA

Diz bem, Fernando. Só ella pode ter sido a ori-

gem d'uma tamanha desgraça. Depois d'aquelle terrivel momento tenho preguntado a mim propria como é que tudo isto foi possivel, se eu serei, realmente, uma criminosa... E a realidade, a triste realidade esmaga-me, porque, de facto, eu assassinei, eu fiz um cadaver, Fernando. E' certo que durante muito tempo aquelle homem me torturou com uma persistencia, com uma crueldade de que eu nunca o julguei capaz... Mas porque não sofri eu tudo com resignação? Porque não aguardei que désse largas á sua ferocidade para vêr se, finalmente, o comovia? No momento em que me lançou em rôsto o seu ultimo ultrage, eu estava encostada áquella mesa. A minha mão tocou na arma que ali ficára e... não sei... não sei... lembro-me de ouvir um tiro... Eu nunca tinha examinado um revolver, não sabia, mesmo, como elle se manejava...

FERNANDO

O que havemos de fazer agora?... O facto está consumado... Precisamos da serenidade dos grandes momentos para não sucumbirmos todos.

MAGDALENA

Eu devo ter envelhecido muitos anos.

FERNANDO

A minha sahida d'aqui com aquelle cadaver, só, rompendo a custo nas trevas do jardim, foi uma coisa tragica, horripilante. Esperei que déssem duas horas, peguei novamente n'aquelle côrpo de chumbo e lá o deixei na rua, o mais longe que me foi possivel. Estava exausto, não podia mais.

MAGDALENA

Pobre Fernando!

FERNANDO

Em seguida corri a sua casa com as chaves que lhe tirei do bolso. Elle, sempre mau, sempre astucioso, havi-a enganado, Magdalena... Não tinha as letras comsigo. Era preciso adquiril-as a todo o custo. Foi o que fiz. Ah! mas que momentos de angustia em volta d'aquelle cofre! Três horas ali estive como o ladrão mais audacioso...

MAGDALENA

Tudo isto me parece um sônho horrivel!

FERNANDO

Depois de um trabalho insâno veio o acaso em meu auxilio. Marquei a palavra «oiro» e dei volta á chave. Havia aberto o cofre. Logo me appareceram as letras, esses miseraveis pedaços de papel, origem de toda esta desgraça. Fechei o cofre, novamente, e sahi. Era tempo. Não tardaria que rompesse a manhã. A minha tarefa, porém, não estava terminada ainda. Era preciso que as chaves voltassem á algibeira do môrto. Não vacilei. Com as maiores precauções aproximei-me do local onde o havia deixado e coloquei-lhe o mólho de chaves no bolso do casaco. Que horriveis instantes eu vivi, Magdalena!... Emfim, estava concluida a minha tragica missão. Podia, agora, descançar alguns momentos.

MAGDALENA

Ah! Fernando, Fernando! Quanto eu lhe devo...

FERNANDO

Fiz-me um grande criminoso por sua causa, é certo. Mas isso que tem?... As letras estão aqui.

(*Mostra uma carteira.*) Queime-as imediatamente. Depois me dará a carteira.

MAGDALENA

Não teria sido melhor evitar um segundo crime, deixando as letras onde esse homem as guardava?

FERNANDO

Não, Magdalena. Uma vez encontradas e descoberta a falsificação estariamos irremediavelmente perdidos. Não receie a acção da Justiça porque ella ha de ignorar sempre o que aqui se passou. Remorsos não os deve sentir. Esse homem insultou-a, não tinha familia, e á sociedade não faz a menor falta porque só servia para a preverter...

MAGDALENA

Diz bem, Fernando. Mas terei eu fôrças para arrostar com a minha desventura? Para viver como até aqui?

FERNANDO

Ha de tel-a, que assim é preciso. Lembre-se de sua filha, e essa lembrança dar-lhe-ha energia para todos os sacrificios.

MAGDALENA

Por ella é que eu vivo ainda. Que remedio senão dissimular como a peor das criminosas...

FERNANDO

O revólver?... O que fez á maldita arma que tive a desgraça de aqui deixar?

MAGDALENA

Não sei. Nem de tal me lembrava já. Talvez esteja no quarto de minha filha. (*Sae pela D. B.*)

FERNANDO

Procure-o sem demora. E' precizo fazer desaparecer todas as provas.

MAGDALENA, *entrando*

Aqui está. (*Entrega-lhe o revolver*). Porque não voltei eu esta arma contra mim?

FERNANDO

Seria uma nova desgraça. Adeus, e coragem, muita coragem! (*sae pelo jardim*).

SCENA IV

Magdalena, só

MAGDALENA

Hontem a esta hora ainda eu era feliz! Desconhecia tudo. Hoje sou uma criminosa prestes a cahir, talvez, nas mãos da Justiça. E tenho animo para resistir a tudo isto! E respiro! E vivo ainda, santo Deus! Que horrivel suplicio! (*Tira as letras da carteira e acende uma vela sobre o fogão.*) Eis a origem da nova desventura que caiu sobre mim. Seis pedaços de papel com a assignatura do miseravel, feita... por meu marido. O pae de minha filha... Um falsificador, um criminoso comum... (*Queima as letras á luz da vela.*) Agora só restam cinzas. Ah! que se de todo o meu passado não restassem mais do que cinzas!...

SCENA V

Eduardo e Magdalena

EDUARDO, *entrando pela D. A.*

Já levantada, Magdalena?... Ou não te deitaste ainda?

MAGDALENA

Passei tão mal a noite... Sonhei tanto... e sônhos tão maus...

EDUARDO

Que tens? estás perturbada, palida... Succedeu-te alguma coisa?

MADGALENA

Não... nada...

EDUARDO

Que papeis queimaste tu ahi? (*Um silencio.*) Não respondes?

MAGDALENA, *com hesitação*

Nada de importancia.

EDUARDO

Tu ocultas-me alguma coisa... Fala. Responde ao que te pregunto. Esse silencio incomoda-me.

MAGDALENA

Mas se eu não tenho nada que te dizer...

EDUARDO

Vejo cinzas perto d'essa luz. Acabas, certamente, de queimar papeis, ao que parece, de grande importancia. Que papeis eram esses? Preciso saber tudo.

MADGALENA

E eu não posso... não quero dizer-te.

EDUARDO

Mas tudo isto é muito extraordinario, has-de concordar, e eu estou sendo assaltado por suspeitas que me torturam. Deixa essa atitude e tira-me da horrivel incerteza em que me encontro.

MAGDALENA

Mas o que queres que eu te diga?

EDUARDO

Que papeis queimaste a essa vela? Tenho o direito de conhecer todos os teus actos por mais insignificantes que pareçam.

MAGDALENA

Tambem eu tenho direito igual e nunca usei d'elle para comtigo.

EDUARDO

Tu?!

MAGDALENA

Eu, sim. Fiz-te alguma vez preguntas ácerca do teu procedimento como administrador dos meus bens, como meu marido, como pae de minha filha que nasceu com um nome honrado que é mister conservar-lhe?

EDUARDO

Não desvirtues a questão. O teu semblante, a tua atitude são mais do que suspeitos. Não quero conceber a ideia de que houvesses faltado aos teus deveres de espôsa. Mas esta intranquilidade faz-me sofrer. Quero, exijo que me digas tudo imediatamente. (*Agarra-a pelos pulsos e vê a carteira que ella conserva n'uma das mãos.*)

MAGDALENA

Vê que me magôas...

EDUARDO

Uma carteira?! Uma carteira de homem?! Ah! infame!... Começo a comprehender...

MAGDALENA

A comprehender o quê?

EDUARDO

Esta carteira não é minha e portanto...

MAGDALENA

Oh! por Deus, não continues!

EDUARDO, *desvairado*

Tu tens um amante, Magdalena, e este objecto pertence-lhe...

MAGDALENA, *com exaltação*

Eduardo: Já que tanto me tens martirisado não me insultes agóra. Não abras entre nós um abismo que nos separe para sempre.

EDUARDO

Então, explica-te.

MAGDALENA

Não sei... Não pósso dizer-te nada, pelo muito que te quero, pelo muito que te amo.

EDUARDO

Pelo muito que me queres, pelo muito que me amas... Que cinismo se oculta, já, n'essa alma, para assim tentares, iludir-me ... Mas não importa. E' facil saber a quem pertence esta carteira (*Vae a abril-a.*)

MAGDALENA, *detendo-o*

Não ábras. Pela felicidade da nossa filha te peço.

EDUARDO, *afastando-a*

Deixa-me. *(Abre a carteira.)* Esta carteira... é do meu guarda livros!

MADGALENA, *chorando*

Como sou desgraçada!

EDUARDO

Ah! Agora... agora... Faz-se luz, finalmente. Devia ter previsto tudo. Companheiros antigos... creados á vontade... Oh! mas isto é infame! E não dizes nada. Não te defendes... E', então, verdade? Fernando é teu amante?... Ha muito tempo, talvez...

MAGDALENA

Oh! cala-te.

EDUARDO

Já o era antes de nascer essa creança que ahi está e a quem tenho chamado minha filha...

MAGDALENA

Que crueldade a tua, Eduardo! Poupa essa creança aos insultos que estás lançando sobre mim.

EDUARDO

Não. Não posso poupal-a porque ella é, como eu, uma victima da tua infamia. Foram cartas que elle te devolveu e que tu queimaste, não é verdade?

MAGDALENA

Dize o que quizeres. Estou resignada a tudo.

EDUARDO, *examinando os livros que estão sobre a secretaria*

Vejam isto: o trabalho que hontem deixei a Fernando, quando sahi, ficou apenas iniciado... Porquê?... O que foi que se passou aqui, na minha ausencia?... Tiveram scena, pelo que vêjo. Estava enfastiado de ti, dos teus beijos, das tuas caricias?... E tudo se passava aqui, sob o teto da minha casa, acobertados ambos pela consideração em que eu os tinha. Que miseraveis!

MAGDALENA

Estou inocente, Eduardo. Não me martirises mais!

EDUARDO

Não. Não estás inocente. Mentes com a audacia de todas as adulteras. Ah! mas não ficarão im-

punes! Tu especialmente, porque és, dos dois, o mais criminoso. Esse homem é um simples empregado d'esta casa. Nada me deve. Não jurou perante Deus e os homens respeitar o meu nôme, a minha dignidade de marido. A ti é que eu devo punir em primeiro logar.

MAGDALENA

Nada me pesa na consciencia e se algum delicto cometi és tu o unico culpado.

EDUARDO

Ah! já comprehendo! Começas a preparar a tua confissão. Como eu recolhia tarde, como levava uma vida mais ou menos livre, aproveitavas essa circunstancia para te justificares, lançando-te nos braços do teu amante. Eis o motivo da minha culpa. Bela defeza! Excelente raciocinio! — Vinde cá mulheres casadas que sofreis maus tratos dos vossos maridos! Vinde vêr o procedimento que deveis seguir: E' este que vos ensina a minha santa espôsa, o anjo do meu lar, a educadora d'uma creança que se julga minha filha! Nada de resignação! Nada de sacrificios! O vosso espôso tem amantes? Passa noites fóra de casa? Fazei vós o mesmo, entregando-vos ao primeiro peralvilho que vos apareça. Pena de Talião. Olho por olho! Dente por dente! Isto é que é moral! Isto é que é educação!...

SCENA VI

Os mesmos e o Dr. Albano

DR. ALBANO

Bravo! Moral, educação! Gósto de ouvir-te essas palavras, meu rapaz!

MAGDALENA

Ah! meu tio! Sou muito desventurada!

DR. ALBANO

Sim?!... (*Um silencio.*) Pelo que vêjo desencadeou-se a tempestade que ha muito se aproximava...

EDUARDO

Veio a propósito, meu tio. Entre mim e essa mulher está tudo acabado.

DR. ALBANO

O quê?!

EDUARDO

Ella que saia imediatamente d'esta casa porque do contrario não responderei por mim.

DR. ALBANO

Tu sabes o que estás dizendo, Eduardo?

EDUARDO

Sei muito bem. Não sou tão doido como muitos me julgam.

DR. ALBANO

Magdalena: espera-me lá fóra, na sala. Em breve te irei falar.

MAGDALENA

Não se demore, meu tio. Tenho muito que lhe dizer. (*Sae pela E. B.*)

SCENA VII

Eduardo e o Dr. Albano

DR. ALBANO

Magdalena que saia d'esta casa, disseste tu ha pouco?!... Porquê? Com que direito expulsas tua mulher do lar onde ella nasceu, onde se creou?... Da velha habitação de seus paes que tanto trabalharam para tu pisares agora as suas alcatifas e levares uma vida de libertinagem e de perdição?

EDUARDO

Magdalena tem um amante e eu...

DR. ALBANO, *com grande energia*

Mentes! Prohibo-te, ouve bem, prohibo-te que digas semelhante calumnia. Magdalena é a mais nobre, a mais santa de tôdas as espôsas!...

EDUARDO

Tem ou teve um amante. Possúo provas incontestaveis.

DR. ALBANO

E' falso!

EDUARDO, *formalizado*

Meu tio!

DR. ALBANO

E' falso, repito. Talvez que se houvesses casado com outra mulher que não fôsse ela, que não possuisse a nobreza dos seus sentimentos tu a pudesses acusar hoje com sobejos motivos. Tratando-se de Magdale-

na, nunca. E' uma aleivosia o que estás dizendo e has de pedir-lhe perdão da ofensa que lhe fazes.

EDUARDO

Meu tio: eu não desejo faltar ao respeito que lhe devo. Mas se continua n'esse tom posso fazer-lhe sentir que estou em minha casa e que sou um marido ultrajado, escarnecido por essa mulher e pelo amante: o guarda livros da fabrica.

DR. ALBANO

Ah! tu queres intimidar-me, calumniando Magdalena... Ameaças-me?... Queres passar por victima quando o unico criminoso és tu.

EDUARDO

Eu?!

DR. ALBANO

Tu, sim. Tu que se alguma vez amaste tua mulher, do que eu duvido, nunca a respeitaste como ella merecia. Tu que passas noites inteiras fóra de casa, na orgia, na tavolagem, e que passeias impudentemente com as tuas amantes pelas ruas de Lisbôa. Tu que devias conservar intacta a fortuna que recebeste das suas mãos e que a tens esbanjado como um mandrião e um perdulario que és!...

EDUARDO

Meu tio!... Não pósso continuar a ouvil-o... Cale-se imediatamente... aliás...

DR. ALBANO

E's capaz de me bater?... Vamos... não te arreceies! Comete mais essa vilania. Sou um velho, mas sabe-

rei defender-me com a dignidade de um homem de bem. Mas não... Tu não te arriscarás a semelhante infamia porque és réu e não juiz... Has de ouvir-me, que t'o ordeno eu.

EDUARDO

Isto é espantoso! Sou ultrajado, escarnecido na minha própria casa e ainda tripudiam sobre a minha vergonha!

DR. ALBANO

Deixa essa atitude que nada justifica. E's victima d'um erro que em breve estará desfeito. Lembra-te de que Magdalena é a melhor das espôsas... Vê bem que todos os teus... crimes, deixa-me dizer assim, todos os teus esbanjamentos, teem sido praticados sem uma recriminação, sem uma queixa d'essa santa creatura que te escolheu para marido...

EDUARDO

Resignou-se... mas porquê? Porque lhe convinha o meu procedimento. Continuando eu na vida que levava, afastando-me de casa durante bastante tempo com mais tranquilidade se entregava ella aos arroubamentos do seu amor...

DR. ALBANO

Miseravel! Chegas a causar-me repulsão. E' preciso descer-se muito na escala social para se ter a alma assim pervertida...

EDUARDO

Tenho provas.

DR. ALBANO

Mostra-as. Já...

EDUARDO

Magdalena queimou ha pouco, á luz d'aquelle castiçal, algumas cartas suas para Fernando, o meu guarda livros. Como sabe, foram companheiros de infancia. Brincaram juntos. Amavam-se ha muito, certamente...

DR. ALBANO

Viste essas cartas?

EDUARDO

Não, porque cheguei tarde... Mas vi-lhe ainda nas mãos a carteira de onde as havia tirado. Está aqui. (*Mostra-lhe a carteira*).

DR. ALBANO

Que te disse Magdalena?

EDUARDO

Nada que não fizesse augmentar, ainda mais, as minhas suspeitas. Pálida, trémula, balbuciou desculpas inacreditaveis, e, por fim, remeteu-se a um mutismo absoluto que foi, por assim dizer, a confissão da sua culpa.

DR. ALBANO

E' extraordinario!...

EDUARDO *que tem subido e olhado para o quarto da E. A.*

Vèja como tudo se reune para a condemnar: Disse-me que tinha passado bastante mal de noite,

que havia sonhado muito, e, afinal, não se deitou, porque a cama está intacta, está por abrir ainda.

DR. ALBANO

Não. Não póde ser. Conheço Magdalena como se fôsse minha filha. E' incapaz de semelhante indignidade.

EDUARDO

Pois não ha nada mais positivo. As provas acumulam-se. E' inutil querermo-nos convencer do contrario. Quando hontem sahimos—lembra-se?—ficou o miseravel ali áquella mesa, escrevendo. Ella tambem aqui se encontrava. O que então se terá passado entre os dois não sei. Houve, talvez, um rompimento de relações. Zangaram-se. Estava, decerto, enfastiado d'ella, o bandido.

DR. ALBANO

Mas eu não vêjo provas positivas, incontestaveis, que nos levem a admitir uma tal monstruosidade.

EDUARDO

Pois convença-se tio: Magdalena, a santa, a innocente Magdalena, não passa d'uma... perdida que deve ter feito cahir sobre a minha pessôa a troça e o escarneo de toda a gente. Que ridicula figura eu devo ter feito... Como todo o mundo se terá rido á minha custa!

DR. ALBANO

E é n'isso, apenas, que tu pensas! E' o teu amôr proprio que se revolta... Não é o teu amôr de espôso, não são os teus afectos paternaes que se sentem dilacerados ante a possibilidade de uma falta de

tua mulher... E' o mundo, são os amigos que te veem á lembrança! Ah! Eduardo! Eu não creio na culpabilidade de Magdalena, mas tu és o unico responsavel de tudo que se está passando...

EDUARDO

Não tente justificar o crime porque para factos d'esta natureza não ha, nunca houve atenuantes. Eu não tenho tido uma vida exemplar, convenho. Tenho mesmo cometido faltas e erros que já hoje me pesam bastante na consciencia. Mas isso em nada atenua o crime de minha mulher, se ella o cometeu, como estou convencido. A mulher casada ainda que muito sôfra, ainda que o marido tenha mil amantes e seja para ella um verdadeiro carrasco tem o dever de ser honesta. Acima de tudo, a despeito de tudo, a sua dignidade de espôsa. Digam á mãe do maior bandido, do criminoso mais repelente condenado a pena ultima: Teu filho é uma creatura miseravel, uma aberração da natureza. Matou, incendiou. Foje d'elle como d'um animal selvagem... E essa mãe, porque é mãe, porque adora o filho que gerou nas suas entranhas, estreita-o, ainda mais, ao coração e quere morrer com elle Pois eu exijo na espôsa a mesma abnegação, o mesmo amôr de sacrificio, pela sacrosanta missão que tem o dever de desempenhar junto do marido. E não são raras, felizmente, as mulheres que assim procedem.

DR. ALBANO

Não. A tua é uma d'ellas.

EDUARDO

Tambem eu assim o supunha. Mas enganei-me. —Um dia vi que uma mulher do pôvo estava sendo barbaramente espançada pelo marido. Batia-lhe d'uma

fórma que horrorisava. Quando eu, indignado, me propunha intervir, castigando a féra, fui empurrado pela rapariga que me disse: — «Siga o seu caminho e deixe-nos. Elle pode bater-me... porque é meu marido.» — E quer o tio justificar ou atenuar o procedimento de Magdalena...

DR. ALBANO

Não justifico, nem atenuo, porque isso seria admitir que ella é culpada, e eu nem por um momento duvidei ainda da sua inocencia. O que disse e confirmo é que, moralmente, se póde exigir de ti a responsabilidade do que se está passando, das suspeitas que te oprimem n'este momento. O ambiente d'esta casa é mau, é pessimo, porque tu assim o creáste. Uma mulher não pode ser a escrava do marido.

EDUARDO

Mas tem obrigação de ser digna, e Magdalena nunca o foi...

DR. ALBANO

Basta, Eduardo!

EDUARDO

Não, porque se agora era amante d'esse homem é porque já o amava quando casou comigo...

DR. ALBANO

Ah! Mas isto ha de esclarecer-se imediatamente. Quero-o! Exijo-o!...

SCENA VIII

Os mesmos e Maria do Ceu

MARIA DO CEU

Bons dias papá! Olhem o tio Dr.! Trouxe a boneca que hontem me prometeu? Olhe que eu já estou a fazer uma camisinha para ella...

DR. ALBANO

Trago-a amanhã. Hoje não me toi possivel.

MARIA DO CEU

Não se esqueça ..

EDUARDO

Ouve lá: tu esta noite ouviste ralhar aqui, n'esta casa?

MARIA DO CEU

Esta noite... Deixe vêr... Ah! Já me lembro. Ouvi um grande barulho e depois a mamã a chorar!

EDUARDO

Estava alguem com ella? Ouviste qualquer outra vóz?

MARIA DO CEU

Parece-me que estava aqui... o sr. Fernando. Aquelle que escreve lá na fabrica.

EDUARDO

E o que dizia a mamã?

MARIA DO CEU

A mamã dizia assim: Estou perdida! Perdida para sempre!

DR. ALBANO

Oh! mas isto é horrivel!

EDUARDO

Quer tudo mais claro?

DR. ALBANO

Olha, Maria do Céu: Vae para o jardim que eu já lá vou para falarmos da boneca.

MARIA DO CEU

Pois sim. Vou já a correr. (*Sae pelo jardim.*)

EDUARDO

Precisa de mais provas?

DR. ALBANO

Preciso, sim. Nada d'isto me convence ainda. Vou falar a Magdalena imediatamente. Hei de saber tudo, custe o que custar. (*Sae pela E. B.*)

SCENA IX

EDUARDO, *só*

Escarnecido, ludibriado por elles na minha própria casa!... Que negro futuro eu vêjo, agora, diante de mim!... Aquellas letras... O maior erro de to-

da a minha vida... A vergonha d'este adulterio... O que vae ser de mim agora! O que vae ser de mim!...

SCENA X

Eduardo, Antonia, o Juiz e um agente de policia

ANTONIA

Estão lá fóra dois sujeitos que chegaram de automovel e que desejam falar ao sr. Moraes.

EDUARDO

Que querem?

ANTONIA

Não me disseram.

EDUARDO

Que vão para o diabo. (*Pausa*) Então, ficas ahi?

ANTONIA

Não sei o que lhes hei de dizer...

EDUARDO, *depois d'um silencio, enervado*

Bem. Dize-lhes que entrem, mas depressa. Tenho muito que fazer e desejo sahir imediatamente. (*A creada sae.*) Estou mesmo bom para conferencias...

O JUIZ, *sobraçando a sua pasta e acompanhado d'um agente de policia*

Sou o Juiz de Investigação Criminal e venho aqui no exercicio do meu cargo...

EDUARDO, *baixo*

Demonio! (*Alto.*) Não sei o que V. Ex.ª terá que fazer em minha casa, no entanto, pode considerar-me ao seu dispor. Queira dizer.

O JUIZ

Deve saber, pelos jornaes, em noticia da ultima hora, que esta noite se praticou um crime n'estes sitios...

EDUARDO

Um crime?! Não, não tenho conhecimento d'esse facto. Não li ainda os jornaes...

O JUIZ

Foi assassinado, a tiro, um individuo das relações de V. Ex.ª.

EDUARDO

Das minhas relações?!

O JUIZ

Sim. O capitalista João Pereira...

EDUARDO

O Pereira Agiota?!

O JUIZ

Esse mesmo. Falou-lhe hontem?

EDUARDO

Não. Tinha combinado encontrar-me com elle no escriptorio da fabrica ás nove horas da noite. Porém... um negocio imprevisto, a essa hora...

O JUIZ

Fez com que faltasse ao que havia combinado... Muito bem. (*Ao agente*) Espere-me lá fóra, na sala de entrada. (*O agente sae.*) Póde dizer-me onde passou a noite?

EDUARDO

Um interrogatorio em fórma, pelo que vejo...

O JUIZ

Talvez...

EDUARDO

Estive em S. Carlos e fui cear, depois, com uns amigos...

O JUIZ

Quando voltou para casa?

EDUARDO

Hoje, pouco depois das dez horas...

O JUIZ

E', por consequencia, estranho a tudo que se possa ter passado aqui ou na fabrica durante a sua ausencia...

EDUARDO

Necessariamente.

O JUIZ

Sabe se o Pereira veio á entrevista combinada?

EDUARDO

Não sei... E' natural que viesse...

O JUIZ

Quem estava na fabrica, a essa hora?

EDUARDO

O guarda livros.

O JUIZ

Por motivo da entrevista?

EDUARDO

Por esse motivo : por estar trabalhando no balanço a que procedemos actualmente.

O JUIZ

Faça-me a fineza de o mandar chamar.

EDUARDO

Pode V. Ex.ª mesmo encarregar-se d'isso. Tem ahi telefone ligado com o escriptorio da fabrica.

O JUIZ

Pois sim. (*Ao telefone.*) Está? (*Pausa.*) E' o guarda livros? Queira vir aqui imediatamente.

EDUARDO

Pelo que vêjo suspeita-se da gente d'esta casa?... Mas isso é um absurdo...

O JUIZ

Será... Queira chamar sua espôsa.

EDUARDO

Minha espôsa?!

O JUIZ

Sim.

EDUARDO

Mas... (*Carrega n'um timbre que está sobre a secretaria. Antonia aparece, pouco depois, pela D. A.*) A senhora está na sala de visitas. Diga-lhe que venha cá.

ANTONIA

Sim, senhor Moraes. (*Sae pela E. B.*)

O JUIZ

Pode dizer-me qual o fim da entrevista que havia pedido ao Pereira?

EDUARDO

Desejava tratar com elle de certos negocios respeitantes á fabrica. Tinha pensado, até, em lhe dar sociedade na minha industria.

O JUIZ

Sua espôsa teve conhecimento d'essa sua ideia?

EDUARDO

Não, senhor. Minha mulher foi sempre estranha a todos os meus negocios...

O JUIZ

Mas... sabe que não podia constituir sociedade sem auctorisação d'ella... Esses bens fazem parte da sua dotação, creio eu?...

EDUARDO, *vacilante*

Assim é, de facto. Esperava, no entanto, resolver oportunamente essa dificuldade...

O JUIZ

Sua espôsa não teve, portanto, conhecimento da entrevista combinada...

EDUARDO

Creio bem que não.

O JUIZ

Devia, actualmente, algum dinheiro ao Pereira?

EDUARDO, *impassivel*

Não, senhôr.

O JUIZ

Muito bem. Queira ter a bondade de se juntar ao agente que está lá fóra.

EDUARDO

Mas... estarei eu preso, por acaso?

O JUIZ

N'este momento, não senhor. Simples investigações. (*Eduardo cumprimenta e sae pela D. A.*)

SCENA XI

O Juiz, Magdalena, o Dr. Albano, Fernando e depois Maria do Céu

MAGDALENA

Eduardo mandou-me chamar ...

O JUIZ

A meu pedido, minha senhora. Desejo fazer-lhe algumas preguntas. (*Indicando o Dr. Albano*). Este sr. é...

MAGDALENA

O Dr. Albano, meu tio e advogado em Lisboa.

FERNANDO, *pelo jardim*

Chamaram-me pelo telefone. Foi o sr. Moraes?

O JUIZ

Fui eu. Na minha qualidade de Juiz de Investigação Criminal vim a esta casa para tratar d'um assumpto muito grave.

MAGDALENA, *baixo*

Meu Deus!

O JUIZ

Esta madrugada appareceu assassinado perto d'aqui um homem que todos n'esta casa conheciam. Refiro-me ao capitalista João Pereira, morto a tiro, misteriosamente, fóra do local onde appareceu, pois tudo leva a crer que o assassino o prostrou muito longe do sitio onde foi encontrado.

DR. ALBANO

Não conhecia essa cretura que, se bem me recordo, não gosava de bôa fama. Ouvi falar d'esse tal Pereira n'esta casa, mas no tempo de meu irmão.

O JUIZ, *a Magdalena*

Desejava que V. Ex.ª me dissesse se o assassinado aqui esteve, se lhe falou nas ultimas 24 horas.

MAGDALENA, *aparentando a maior serenidade*

Conheci esse homem ha sete ou oito anos. Desde essa epoca nunca mais o tornei a vêr...

O JUIZ

Afirma, portanto, que não o viu, que não lhe falou hontem á noite...

MAGDALENA

Afirmo.

O JUIZ

Categoricamente?...

MAGDALENA, *impassivel*

Categoricamente. Que motivos poderia eu ter para falar com esse homem de cuja existencia nem já me lembrava?

O JUIZ, *a Fernando*

O Pereira esteve no escriptorio da fabrica ás nove horas da noite, não é verdade?

FERNANDO

Esteve.

O JUIZ

Com quem falou?

FERNANDO

Comigo.

O JUIZ

O que originou a sua ida á fabrica a essa hora?

FERNANDO

Uma entrevista marcada pelo sr. Moraes...

O JUIZ

O fim d'essa entrevista?

FERNANDO

Ignoro-o.

O JUIZ

Estava mais alguem na fabrica?

FERNANDO

Mais ninguem.

O JUIZ

O que se passou entre o sr. e o Pereira?

FERNANDO

Nada de extraordinario. Disse-lhe que o sr. Moraes não estava, por motivos estranhos á sua vontade, e elle retirou-se, pouco depois.

O JUIZ

Muito bem. (*A Magdalena*) Quem estava aqui a essa hora?

MAGDALENA

Eu.

O JUIZ

Sósinha?

MAGDALENA

Sósinha.

O JUIZ

Não tem creados?

MAGDALENA

Tenho duas raparigas...

O JUIZ

Porque motivo se não encontravam em casa?

MAGDALENA

Porque é costume sahirem aos sabados, á noite, depois de tudo arrumado.

O JUIZ

Não preciso mais. Estou completamente ilucidado e posso dizer que tenho o fio da meada nas mãos. Sei quem assassinou o capitalista Pereira, a tiro de revolver: foi a senhora ou o guarda livros de seu marido.

MAGDALENA, *aterrada*

Eu?!

FERNANDO

O sr. Juiz engana-se, certamente.

DR. ALBANO

V. Ex.ª dá-em licença? (*Signal afirmativo do Juiz.*) Sou advogado, e, portanto, um pouco conhecedor d'estes assumptos. V. Ex.ª acaba de fazer uma afirmação terrivel. Fallou com tanta convicção, com tanta serenidade que parece estar cheio de próvas. Ora do interrogatorio a que eu assisti, não resultaram indicações absolutamente nenhumas que levem a fazer-se uma afirmativa de tamanha gravidade.

Esse homem foi morto a tiro, de noite. Appareceu longe d'aqui. Como é que a justiça vem bater á porta d'esta casa? Porque elle esteve no escriptorio da fabrica horas ou momentos antes de ser assassinado?... Isso não me parece motivo suficiente para tal conclusão...

O JUIZ

E' porque eu tenho aqui, na minha carteira, a prova irrefutavel do que afirmei.

MAGDALENA e FERNANDO

A próva?!

O JUIZ, *abrindo a pasta*

Sim. Eil-a. Este papel—com o timbre da fabrica—foi escripto pela victima já depois de atingida pelo tiro. Com letra muito trémula mas que já se provou, por um largo exame, ser do punho do fallecido, diz o seguinte: ferido a tiro em casa de Eduardo de Moraes por... e não diz mais, em consequencia, certamente, de ao ferido terem faltado as ultimas fôrças.

MAGDALENA

Mas não pode ser! Sômos victimas d'uma terrivel machinação!

O JUIZ

Este papel tinha o Pereira fechado n'uma das mãos e foi-lhe encontrado na *Morgue*.

DR. ALBANO

E' extraordinario!

MAGDALENA

Mas eu estou inocente, sr. Juiz. Não vi esse homem, não falei com elle!

O JUIZ

Assim será, minha senhora. A Justiça, porém, é obrigada a cumprir o seu dever. V. Ex.ª e aquelle sr. teem de me acompanhar imediatamente sob prisão.

MAGDALENA

Eu?!

FERNANDO

Nós?!

O JUIZ

Os dois. Creio que tenho suficientes próvas para os prender.

MAGDALENA, *alucinada*

Mas eu não quero ir presa! Meu Deus, valei-me! Minha filha! Minha pobre filha!

O JUIZ

Lamento a situação de V. Ex.ª, minha senhora. A Lei, porém, obriga-me a proceder.

MAGDALENA

Sr. Juiz: Não me leve! Pois eu hei de entrar n'uma cadeia? Deixar a minha pobre filha? Estou inocente! Não me leve. Deixe-me viver para ella! Se eu já sou tão desgraçada!...

FERNANDO, *baixo*

E' preciso salval-a. (*Alto.*) Pois bem, sr. Juiz!

São inuteis mais investigações, e V. Ex.ª não deve sacrificar aquella senhora. Fui eu o auctor do crime.

O JUIZ

O Sr.?

FERNANDO

Eu e mais ninguem. Devia dinheiro a esse homem, uma quantia avultada que perdi ao jôgo. Estava-lhe debaixo das garras de sórdido agiota. Era o meu algoz. Não me largava com ameaças. Hontem, como o sr. Moraes não estava para recebel-o descarregou sobre mim o seu mau humor. Que lhe desse o seu dinheiro... Que não podia esperar nem mais um dia, sob pena de me meter n'uma prisão. Alucinado, com a cabeça perdida, puchei do revolver e fiz fôgo. Só depois comprehendi a gravidade da minha situação. Corri á porta, fui ao pateo da fabrica para vêr se alguem teria dado pelo meu crime. Estava só. Foi n'essa ocasião, de certo, que elle escreveu as palavras que me entregam agora nas mãos da Justiça. Mais tarde peguei no cadaver como pude e fui pol-o no local onde appareceu. E' horrivel tudo isto, mas eu sou apenas uma victima da Fatalidade.

O JUIZ

E', então, o sr. o unico agente do crime.

FERNANDO

O unico. Aqui está o revolver com que elle foi cometido. Falta-lhe uma bala: está no corpo d'esse homem. (*Dá-lhe o revolver.*)

O JUIZ

E' finda a minha missão. Considere-se preso em nome da Lei.

FERNANDO, *a Magdalena*

Chora, minha senhora? Comovi-a? E' porque não sou um criminoso repelente. Obrigado. (*Ao Juiz*) Estou ás suas ordens, sr. Juiz.

O JUIZ

Vamos.

FERNANDO

Adeus, senhora D. Magdalena! Adeus, sr. Dr.!

O JUIZ

Mil desculpas, minha senhora. E' desagradavel tudo isto, mas o unico desgraçado é elle... (*Ao Dr. Albano*) Senhor Dr...

DR. ALBANO

A's suas ordens sr. Juiz. (*Juiz e Fernando saem pela D. A.*)

MAGDALENA, *alucinada*

Mas isto não pode ser! E' uma monstruosidade! Elle está inocente.

DR. ALBANO, *a meia voz*

Cala-te, desgraçada, que te perdes.

MAGDALENA

Não posso, não devo consentir em tão horrivel sacrificio!

DR. ALBANO

Cala-te, por Deus! Queres desgraçar-te, e a teu marido? Queres que ámanhã se saiba tudo? O cri-

me de Eduardo, falsificando as letras, e o teu, matando um homem, de noite, em tua própria casa?

MAGDALENA

Não importa. Tudo prefiro á indignidade de deixar condemnal-o inocente.

MARIA DO CEU, *vindo do jardim*

Então quando vem o tio conversar comigo?

DR. ALBANO

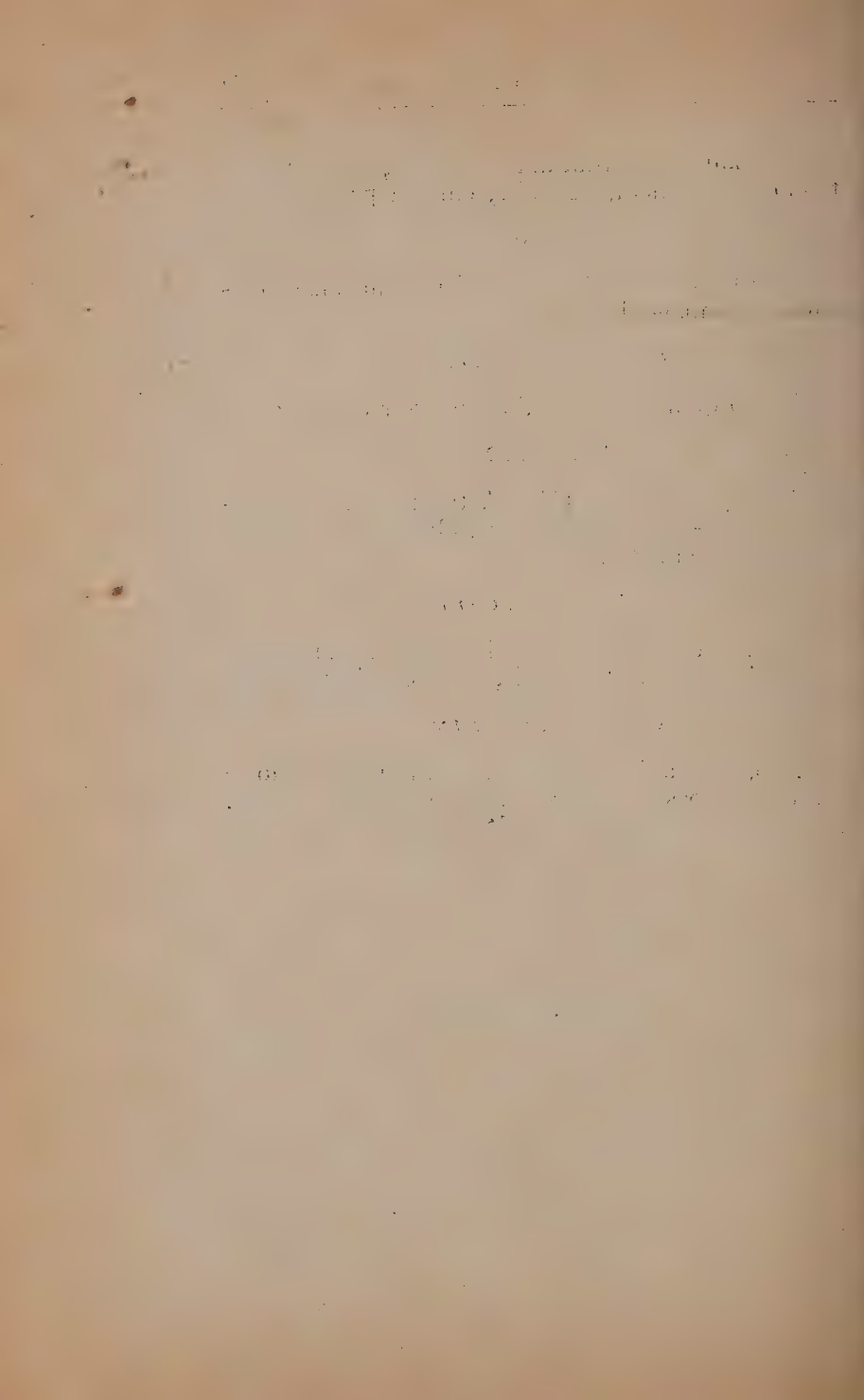
Vem cá Maria do Céu. A tua mamã quer deixar-te. Dize-lhe que não se vá. Quem ha-de cuidar de ti, pobre creança?

MARIA DO CEU, *com tristeza*

A mamã quer deixar-me? Que mal lhe fiz eu? Quem é que me trata, depois, quando estiver doente?

MAGDALENA, *n'uma tranzição*

Não, meu anjo, minha adorada filhinha! Não te deixo! Não posso deixar-te ahi ao abandono! Ah! mas como eu sôfro, grande Deus!

PANO, RAPIDO

TERCEIRO ACTO

Sala de visitas, luxuosamente mobilada. Ao fundo, um grande arco envidraçado cumunicando com a casa de jantar onde está armada a Arvore do Natal. A divisão das duas casas é feita com artisticos *vitraux*, de modo que se não vêja em qualquer d'ellas o que se passa na outra quando estiver fechada a porta do centro. Muito confôrto e bom gôsto transparecendo nas mais pequenas coisas. Junto d'uma mesa, colocada quasi ao meio da sala, um grande candeeiro de columna e *abat-jour* côr de rosa dá ao aposento uma tonalidade suave e acolhedora. Objectos d'arte, livros, etc. Na sala contigua muita luz e decoração alegre, para ser mais vivo o contraste ao abrir-se o envidraçado que separa as duas casas.

Ao subir do pano Eduardo está sentado no primeiro plano tendo Maria do Ceu, de pé, junto de si. Esta sobraça varias caixas de brinquedos destinados á Arvore do Natal.

SCENA I

Eduardo e Maria do Ceu

MARIA DO CEU

Obrigada, papá. Agora que me déste os brinquedos quero pedir-te um grande favor.

EDUARDO

O que é?

MARIA DO CEU

Que não te mostres zangado, hôje. E' Noite de Natal. Ha festa cá em casa e eu não gostava de vêr a mamã tão triste como anda sempre...

EDUARDO

Mas quem tem a culpa d'isso?

MARIA DO CEU, *receiosa*

Naturalmente... és tu... andas sempre com uma cara tão feia...

EDUARDO

Mas se eu não tenho outra mais bonita...

MARIA DO CEU

Tens sim, papá. Eu bem me lembro de a ter visto quando era mais pequena...

EDUARDO, *com enfado*

O melhor é levares os brinquedos lá para fóra. As tuas amigas hão de estar desejosas de vêr o que eu lhes trouxe.

MARIA DO CEU

E o que eu te pedi?... Prometes?...

EDUARDO

Veremos se é possivel...

MARIA DO CEU

Belo. Agora já posso brincar á minha vontade. *(Beija-o e sae, correndo, pela E. A.)*

SCENA II

Eduardo e Magdalena

(Depois da sahida de Maria do Ceu, Eduardo fica ainda sentado e como que absorvido por uma ideia fixa. Tem, seguidamente, um gesto de decisão; levanta-se, acende nervosamente um charuto e começa medindo a sala a largos passos, até que Magdalena aparece pela porta da E. B.)

MAGDALENA

Ah! E's tu...

EDUARDO

Como vês.

MAGDALENA

Déste os brinquedos á pequena?

EDUARDO

Dei.

MAGDALENA

Saes, hôje?

EDUARDO

Não.

MAGDALENA

Então passas a noite comnôsco...

EDUARDO

Passo. (*...e ha um silencio largo, enervante, doloroso.*)

MAGDALENA

Sempre essa frieza! Sempre essa rispidez para mim e para a pobre creança que é nossa filha! Que mal te fizemos nós?

EDUARDO

Pregunta-o á tua consciencia, e se a resposta te fôr favoravel não te preocupes mais comigo nem com a minha atitude...

MAGDALENA

Ha um ano que és para mim um estranho. Vês-me sofrer, vês-me a envelhecer dia a dia e não modificas as tuas maneiras. E porquê? Que crime cometi eu a não ser o de muito te amar?...

EDUARDO

Tenho sido para ti o que o meu raciocinio me diz que seja. Sofres? E' possivel. Mas o que dá origem ao teu sofrimento? A minha atitude para comtigo ou a situação desgraçada d'esse homem preso e condemnado já pelo crime de homicidio?

MAGDALENA

Sempre essa duvida! Sempre essa terrivel suspeita!

EDUARDO

E achas que não tenho razão? Julgas que já esqueci a tua dôr, o teu desespero, quando Fernando sahiu d'esta casa sob prisão, no dia em que te surprehendi a queimar papeis tirados da sua carteira? O desmaio que tiveste, mais tarde, ao tomares conhecimento da sua condemnação?...

MAGDALENA

Eu estou inocente, Eduardo. Olha bem para mim. Lê nos meus olhos, prescuta a minha alma e ficarás sabendo que não sou uma adultera, uma esposa indigna do amôr de seu marido. E' possivel que haja em tudo isto um mistério impenetravel para ti... Mas não tentes profundal-o. Deixa que o tempo faça justiça a todos. O esquecimento virá então, e com elle o socêgo, a tranquilidade de que tanto carecemos.

EDUARDO

Julgas isso facil porque não sentes esta dúvida horrivel a martirisar-te noite e dia.

MAGDALENA

Ah! que se tu pudesses calcular o que eu tenho sofrido...

EDUARDO

E' impossivel ter uma hora de socêgo emquanto se não fizer inteira luz sobre este misterio. O meu espirito debate-se constantemente atormentado por uma incerteza que fére e martirisa como o espinho do remorso.

MAGDALENA

Porque não segues o meu conselho? Porque não esqueces esse passado de erros e angustias, de que — ai de mim! — não fôste a maior victima? Porque não acreditas nas minhas palavras, nos juramentos que te tenho feito?

EDUARDO

Porque em tudo que me dizes ha sempre uma sombra de misterio que ainda mais me faz sofrer... Se amavas esse homem, se o Destino te atirava para os seus braços porque não m'o disseste claramente quando pela primeira vez nos encontrámos?...

MAGDALENA

Nunca amei outro homem que não fôsses tu, Eduardo. Fernando foi sempre para mim o meu irmão, o meu companheiro de infancia... Não se ama a quem se quer, mas sim aquelle para quem o nosso coração nos impeliu.

EDUARDO

E elle?... Juras pela felicidade de tua filha que sempre te correspondeu com egual sentimento? Que não foi o seu amôr por ti o principal motivo da tragedia de ha pouco mais de um ano?... (*Um silencio.*) Calas-te... E' sempre n'esta altura que emudeces, que não consegues transpôr o circulo de ferro das minhas preguntas...

MAGDALENA

Que te hei de dizer que não embarace ainda mais o teu espirito, que não perturbe mais fortemente a tua razão?...

EDUARDO

Vêjo-te sempre no escriptorio onde ficaste com esse homem na noite em que eu sahi, cheio de bôa fé, escudado na confiança que em ambos depositava. E' logico, é perfeitamente aceitavel que o Pereira os surprehendesse n'uma scena d'amôr, n'um lance de lagrimas que seria, talvez, o desenlace de passados idilios. Ficou sabendo tudo. Era a tua vergonha, a tua deshonra que elle tinha agora nas suas mãos. Julgaste-te perdida para sempre, conforme disseste e a Maria do Ceu ouviu... Fernando, então, para te salvar, só viu um meio: matar a tiro, barbaramente, a unica testemunha do teu crime... Foi o que fez. O que elle disse no tribunal deve considerar-se uma historia, menos mal architetada, que nem o juiz nem os jurados acreditariam se estivessem ao facto de tudo que é do meu conhecimento.

MAGDALENA

Iludes-te, Eduardo, e eu não posso, não devo contradizer-te por motivos que só a minha alma conhece e cuja delicadeza bem poucos saberiam comprehender...

EDUARDO

E quem te diz que não seria eu um d'esses poucos que a comprehendessem?

MAGDALENA

Tu, Eduardo?... Tu menos do que ninguem...

EDUARDO

Já percebo!... E' a lembrança do meu passado, são as reminiscencias de muita loucura co-

metida que te inspiram esse juizo a meu respeito... Como te enganas! Se eu fôsse ainda o libertino de ha um ano seria menos desgraçado. Não sentiria este ciume enorme a morder-me a alma hora a hora, instante a instante, esta amargura intima, ao lembrar-me de que posso ser acusado pelos que encontro no meu caminho de não ter sabido desagravar convenientemente a minha dignidade de marido, os meus direitos ofendidos, vilipendiados a dentro do meu proprio lar. (*Pausa.*) Que queres!? Purificou-me o infortunio... para me tornar mais infeliz do que já era...

MAGDALENA

Aguardemos melhores dias, Eduardo. Deus ha de amercear-se de nós, emprestando ainda ás nossas almas aquella tranquilidade benéfica que cicatrisa, pouco a pouco, as feridas mais dolorosas...

EDUARDO

Talvez... se um dia me convencerem de que te acusava injustamente... Ah! mas devia ser enorme a felicidade que me vinha de ti para que eu agora tanto sinta a sua falta. (*Tranzição.*) Vou escrever algumas cartas mais urgentes... Podem chamar-me logo que chegue o tio Dr.

MAGDALENA, *meio abstracta*

Sim... (*Eduardo sae pela D. B.*)

SCENA III

Magdalena e o Dr. Albano

MAGDALENA

Quando terminará esta situação? Nunca mais,

de certo. Se eu falasse... Se eu contasse tudo... Mas não. Seria comprometer Fernando, tornando conhecido o seu amôr por mim. Não pósso... não o devo fazer. (*Senta-se junto da mesa do centro onde encontra um livro que, distrahidamente, começa a ler.*) — «As cousas do mundo são como a lua que nunca permanece de uma mesma maneira, antes para cada dia tem sua figura.» — «Assim como a terra que não é lavrada cria espinhos e cardos assim a alma que não é exercitada na virtude cria malicia e maus pensamentos...»

DR. ALBANO, *entrando pela D. A. com diversos embrulhos que põe sobre um movel*

Bôa noite, Magdalena.

MAGDALENA

Seja bem vindo, meu tio. (*Consultando o seu relogio.*) Onze horas. Foi pontual, como sempre...

DR. ALBANO

Pois então. Estava ancioso por chegar aqui. Em noites como a de hôje sente-se a gente bem no seio da familia. Celibatário impenitente nunca presidi a essa bela instituição, mas conheço-lhe os encantos pelos carinhos e atenções de que todos me rodeiam n'esta casa.

MAGDALENA

O tio póde considerar-se o patriarcha d'este lár. Devemos-lhe tanto...

DR. ALBANO

Que estavas a ler?

MAGDALENA

Algumas parábolas de Heitor Pinto e Fr. Luiz de Sousa.

DR. ALBANO

E... dize-me, Magdalena: Procuras esse genero de leitura por uma especie de acto de contricção?

MAGDALENA

Procuro alivio e consolação para o espirito. O que ha de fazer quem se encontra na minha desgraçada situação?...

DR. ALBANO

Não achas ainda tempo de modificares o teu viver, sahindo d'essa tristeza que póde pôr em perigo a tua vida?

MAGDALENA

Não, meu tio. Li algures que «os males, por pequenos que sejam, nunca o são tanto que se restaũrem com a brevidade que se padeceram.» Os meus são enormes e dolorosos. Como poderei eu esquecel-os?...

DR. ALBANO

Ouve, Magdalena: Eu não quero avivar-te em Noite de Natal, noite toda encanto e suavidade, factos que vão longe e cujas recordações serão sempre dolorosas para todos nós. Mas para te arrancar a essa melancholia que te envelhece e póde lançar no tumulo preciso apresentar-te algumas razões que, necessariamente, hão de modificar o teu módo de ser actual. Queres ouvir-me?

MAGDALENA

Com toda a atenção, meu tio.

DR. ALBANO

Lançando um rapido olhar para a tua situação de ha um ano, logo deprehenderás que ella se modificou por completo. O procedimento de teu marido, pela vida dissoluta que levava, era, por assim dizer, um ultrage á tua dignidade de espôsa e a todos os principios da moral. Eu que julgava conhecer a sua vida de libertinagens e desregramentos estava longe de supôr a quantas indignidades elle tinha descido já. Foi preciso que tu, n'essa triste manhã em que a justiça aqui entrou, me contasses toda a tragedia da noite anterior para ficar sabendo que Eduardo era já um homem sem escrupulos, capaz de, pela necessidade, cometer os maiores crimes.

MAGDALENA

Estava á beira do abismo, não ha duvida. Um passo mais á frente e seria a morte, certa, inevitavel.

DR. ALBANO

Fôste tu que o salvaste. Esse Pereira era o seu algôz. Foi o teu braço que, despedindo o raio, limpou a atmosféra da tempestade que nos faria sucumbir a todos. Foi impensada e terrivel a tua acção, convenho. Mas tu não agiste, não matáste pelo teu livre arbitrio. Fôste um instrumento do acaso... Foi elle que te armou o braço. Respeitemos, pois, os seus designios, absolvendo-te d'um crime em que foste apenas o *medium* que obdece á voz imperiosa de quem o domina.

MAGDALENA

Ah! mas quantos anos de vida daria eu para que tudo isto não fôsse alem d'um sônho horrivel de que estivesse prestes a despertar... Para que esse homem vivesse ainda, mesmo que eu soubesse que voltaria a humilhar-me, como n'essa triste noite em que a paz da minha consciencia se perdeu para todo o sempre...

DR. ALBANO

Levanta o teu espirito, Magdalena! Todas as almas bôas, todas as consciencias honestas te absolveriam se conhecessem o drama da tua vida...

MAGDALENA

Conheço-o eu bem e, todavia, não me absolvo, meu tio...

DR. ALBANO

Exageros da tua imaginação exaltada... A verdade é que a tormenta passou... Agora surge-nos o ceu azul, o sol radioso a inundar-nos de luz. Seguindo as tuas indicações iniciei a rehabilitação financeira d'esta casa. Eduardo, ouvindo os meus conselhos, começou a trabalhar com diligencia e acerto. Fez-se o negócio das lãs com a casa de Nova York, e a situação financeira de teu marido, sendo hoje desafogada será excelente amanhã se elle, de facto, se tiver regenerado de todos os seus vicios. Será isto motivo para a tua melancholia, para essa tristeza que te não larga dia e noite?

MAGDALENA

Parece-lhe que não...

DR. ALBANO

Evidentemente...

MAGDALENA

E' que o tio esqueceu-se de dizer que Fernando foi condemnado a uma pena infamante — oito anos de degredo — em consequencia de um crime... que eu cometi, e que Eduardo continua a julgar-me uma adultera. Evita-me. Quasi me não fala torturado sempre por uma duvida que torna a sua vida e a minha um rosario de inconcebiveis martirios.

DR. ALBANO

Tens razão... Mas não me dou por vencido. Quanto ao primeiro facto tivémos que o aceitar como uma necessidade, como a unica fórma de evitar um mal maior, e isto, não sei se sabes, é uma circunstancia de grande peso em coisas judiciaes... Quanto ao segundo, devo dizer-te que lhe não dou imediata solução porque tu não queres. Auctorisa-me a que conte tudo a Eduardo e a tua inocencia não mais será posta em duvida.

MAGDALENA

Oh! Não, não!

DR. ALBANO

Deixa-me dizer-lhe que o vampiro em cujas garras foi cahir esteve aqui n'essa noite fatal, feroz e terrivel, a fazer-te exigencias infames por ser possuidor de letras falsas que podiam atirar com teu marido para a cela d'uma penitenciaria. Que n'um momento de desespero fizeste justiça por tuas

mãos e que esse pobre Fernando se sacrificou por ti pelo muito que te amava.

MAGDALENA

Impossivel, meu tio. Não quero que Eduardo tenha de corar diante de mim por eu saber que casei com um falsario, e muito menos que elle sonhe, sequer, que Fernando, o meu companheiro de infancia, me teve amôr algum dia. Que m'o declarou, franca e lealmente na noite em que foi chamado a nossa casa.

DR. ALBANO

Mas não está expiando esse pobre rapaz o seu crime?—se é crime um homem amar intimamente, religiosamente, a mulher que pertence a outro...

MAGDALENA

Não será crime, á face de todas as consciencias justas... Mas Eduardo póde não ter a grandeza d'alma para assim o entender... Póde não avaliar com exactidão quanto foi nobre, quanto foi generoso o procedimento de Fernando dizendo expontaneamente para me salvar. —«Fui eu que matei esse homem a tiro. Está aqui o revólver com que pratiquei o crime!»

SCENA IV

Os mesmos e Eduardo

EDUARDO, *pela D. B.*

Enganas-te, Magdalena!

MAGDALENA

Elle!

DR. ALBANO

Eduardo!

EDUARDO, *a Magdalena*

Sou muito criminoso, sou digno do teu desprezo mas não estou tão pervertido que não avalie a grande abnegação d'esse homem... Agora já tudo é claro para mim... Elle amava-te — tinha-o adivinhado! — ama-te ainda, mas que importa se esse amôr fez d'elle um desgraçado e de ti a mais digna das mulheres?...

MAGDALENA

Pois tu ouviste...

EDUARDO

Tudo... Já tinha tantos defeitos... Vinha a entrar, ha pouco, quando algumas palavras do tio me sobresaltaram o espirito atormentado ha um ano por uma ideia fixa. Eu estava convencido de que elle sabia tudo... Não tive poder em mim proprio e escutei... Cometi mais essa vilania... Mas que tem isso? Fez-se a verdadeira luz no meu cerebro, e a tua inocencia, Magdalena, é agora incontestavel...

MAGDALENA

Mais me valera que o ignorasses sempre...

EDUARDO

Louca! Que eu sofra ainda, que te peça perdão de todas as minhas faltas e da injuria que te fiz duvidando da tua honestidade... O que é tudo isso comparado com o que por minha causa tens sofrido?...

DR. ALBANO

Tiraste-me dos hombros um peso superior ás minhas fôrças... Isto precisava d'uma solução e eu, francamente, sentia que o animo me faltava para levar a bom termo a minha tarefa. Agora conversem, desabafem que hão de ter muito que dizer. A noite de hoje é para reconciliações.

EDUARDO

E Fernando, meu tio? Havemos de esquecer a situação d'esse desgraçado que é, afinal, a maior victima de todos os meus erros?

MAGDALENA

Só Deus sabe quanto luctei com a minha consciencia para aceitar o seu grande sacrificio...

DR. ALBANO

A esse respeito tenho o meu plano. Podem estar tranquilos... Agora vou-me á procura da petizada para lhes dar os brinquedos que prometi. (*Ouve-se a chilreada das creanças.*) Ah! mas são elles que se aproximam. Teem cá muitas visitas, pelo que vêjo...

MAGDALENA

Algumas creanças, filhas de empregados da fabrica. A Maria do Ceu é que tomou a direcção de tudo.

DR. ALBANO

Hi! que chilreada! Como póde haver lagrimas que não sejam de prazer n'uma casa inundada pela alegria das creanças?...

SCENA V

Os mesmos, Maria do Ceu e um grupo de creanças

(*Veem da sala de jantar, pela porta do fundo. Esta fica aberta, vendo-se então a Arvore do Natal, ao centro da casa, com a iluminação e os enfeites de costume. As creanças veem chilreando, contentes, e tocam cornetas, tambores, cegarregas, etc.*)

MARIA DO CEU

Olhem, olhem! O tio Dr. já cá está! E nós á procura d'elle por toda a parte!... (*Ao Dr. Albano*) Trouxe as prendas?

DR. ALBANO

Pois não havia de trazer, minha Marquezinha... Estão ali, n'aquellas caixas.

MARIA DO CEU

Ai como o tio é bom! Viva o tio Dr.!

AS CREANÇAS

Viva! Viva!

MARIA DO CEU

O papá e a mamã tambem nos deram muitas coisas. (*Aos dois.*) Não é verdade?

MAGDALENA

E' sim, minha filha.

EDUARDO

Ah! mas as do tio são muito melhores do que as nossas...

DR. ALBANO

Pois são... Tenho ali bonecas, palhaços, automoveis, bolas de borracha, cavalos, cães... Uma coisa extraordinaria...

MARIA DO CEU, *para as creanças*

Então vamos pôr tudo na Arvore do Natal...

AS CREANÇAS

Vamos, vamos! (*O Dr. Albano distribue embrulhos e caixas por todos.*)

MARIA DO CEU

Isto é que vae ser uma festa! Sabe, tio?... Levámos o piano para a casa de jantar.

MAGDALENA, *sorrindo*

Levámos... é... é fôrça de expressão...

MARIA DO CEU

A Miss é que toca durante a distribuição das prendas...

DR. ALBANO

Deve ser muito bonito...

MARIA DO CEU

Dizem-se versos...

DR. ALBANO

Sim?... Então o que dizes tu?

MARIA DO CEU

Eu digo o *Padre Nosso*, de Fernando Caldeira...

DR. ALBANO

Porque o não dizes já?

MARIA DO CEU

Deixas, mamã?...

MAGDALENA

Pois sim...

MARIA DO CEU

Então lá vae... Faz-se de conta que é o ensaio geral. (*Recita. As creanças formam quadro em volta d'ella.*)

Padre nosso que estaes no céu, profundo, imenso,
tendo a todo o infinito em vosso olhar suspenso.
Santificado seja o vosso nome, ó Deus;
venha a nós vosso reino, o reino ideal dos céus;
Seja feita, Senhor, *vossa vontade*, *assim*
na terra, humilde pó, *como nos céus*, sem fim.
O pão de cada dia, ó Padre, *nos dae hoje.*
Perdoae-nos, Senhor, emquanto a paz não foge,
nossa divida, *assim como* por vosso amôr
nós perdoamos tambem ao nosso devedor.
Não nos deixeis, Senhor, da vida no certamen
cair em tentação; livrae-nos do mal... Amen.

(*Todos dão palmas no final dos versos.*)

DR. ALBANO

Bravo, bravo! Muito bem... E' muito bonito.

MARIA DO CEU

Vamos, então, acabar a Arvore do Natal?...

AS CREANÇAS

Vamos, vamos...

DR. ALBANO, *encaminhando-as*

Devagar... Não quebrem alguma coisa... *(Saem pela porta do fundo.)*

SCENA VI

Eduardo, Magdalena e depois Antonia

EDUARDO

Sinto-me comovido, Magdalena! Como isto faz bem á alma e como eu era criminoso procurando lá fóra a felicidade que só aqui poderia encontrar... Como deves ter sofrido, minha santa, minha adorada espôsa! (*Beija-a*)

MAGDALENA

Havemos de esquecer tudo isso. Da minha bôca nunca ouvirias a confissão exacta do que aqui se passou. A Providencia, porém, quiz que ficasses informado de tudo quando eu menos o supunha. Sabes agora que papeis eu queimava quando me surprehendeste junto do fogão...

EDUARDO

Calculo... Envergonho-me do meu crime mas orgulho-me de que sejas minha espôsa.

ANTONIA, *pela D. A.*

Minha senhôra...

MAGDALENA

O que é?

ANTONIA

Entregaram agora esta carta para o senhor Dr.

MAGDALENA

Dê-a cá. Eu propria lh'a darei. (*Antonia entrega-lhe a carta.*) Um *envelope* fechado... sem endereço... (*A Eduardo.*) Vens?

EDUARDO

Vou, sim. Quero encher-me da alegria das creanças... Da minha propria alegria. Christo nasceu na noite de hoje. Eu posso dizer que ressuscitei... (*Sahem pelo fundo. Antonia sóbe a fechar a porta do envidraçado. Ha um silencio, e logo se ouve a voz do Dr. Albano da E. A.*)

SCENA VII

Dr. Albano, Antonia e depois Fernando

DR. ALBANO

Antonia! Antonia!

ANTONIA

Senhor Dr.

DR. ALBANO

O portador d'esta carta?

ANTONIA

Está lá fóra.

DR. ALBANO

Diga-lhe que entre, depressa. (*Antonia sae.*) Faltava-me esta alegria a completar a noite de hoje!... Cheguei a recear um mau exito. Ah! mas a sorte mudou. Agora triunfamos nós!

FERNANDO, *meio embuçado. Sobretudo, cache-col, etc.*

Dr.!

DR. ALBANO

Fernando! (*Ficam abraçados.*) Livre!

FERNANDO

Sim! Livre, finalmente!

DR. ALBANO

Tudo bem...

FERNANDO

Tudo. Deve ter sido muito bem paga a minha liberdade para que eu pudesse chegar até aqui sem encontrar o menor obstaculo...

DR. ALBANO

Ainda é cedo para se cantar victoria... Nada de imprudencias. O meu maior desejo é que não fique ninguem comprometido...

FERNANDO

Segui á risca as suas instrucções. Sabe, no entanto, que fui sempre contrario a esta fuga.

DR. ALBANO

E' verdade. Mas sei tambem que tinhamos a

obrigação de pôr um termo ao seu sacrificio. Já que tudo perdeu, que lhe reste, ao menos, a liberdade. Aqui tem o seu passaporte com um nome supôsto... (*Entrega-lh'o.*)

FERNANDO

A que horas sae o paquete?

DR. ALBANO

A's oito da manhã.

FERNANDO

A essa hora não terão dado ainda pela minha falta...

DR. ALBANO

Bom. Recomendo-lhe o maior cuidado... e ámanhã lá irei a bordo para lhe dar o abraço da despedida. .

FERNANDO

Obrigado. Agora... desejava...

DR. ALBANO

Falar-lhe pela ultima vez, não é verdade?

FERNANDO

Se fôsse possivel...

DR. ALBANO

Ha de ser. Duas palavras, apenas, e nada de comoções fórtes...

FERNANDO

Respondo por mim. Não vê come eu venho suportando tudo isto?

DR. ALBANO

Tem sido um heróe, na verdade. Bem. Confio em si. Até ámanhã. (*Sae pela E. A.*)

SCENA VIII

Fernando, só

(*Da casa de jantar vem o som do piano, tocando, no meio da alegria e das palmas das creanças.*)

FERNANDO

Como as creanças são felizes ali fóra. Tambem eu o fui, quando tinha a sua edade e brincava com ella por estas salas. Hoje sou um foragido, um condemnado a pena de degredo pelo muito que lhe quiz, pelo muito que lhe quero ainda. (*Pausa.*) E nunca mais aqui virei. . Nunca mais a tornarei a vêr, a Ella, que foi todo o sônho da minha vida, toda a luz da minha alma, até ao momento em que a vou perder para sempre. Supunha-me mais fórte. (*Com energia.*) Ah! mas é preciso ser homem e hei de sel-o.

SCENA IX

Magdalena e Fernando

MAGDALENA

Fernando! Meu amigo! Meu irmão!

FERNANDO

Magdalena!

MAGDALENA

Quanto eu lhe devo e como o fiz desgraçado!

FERNANDO

Quiz dizer-lhe o ultimo adeus! Evadi-me da prisão obrigado por seu tio, e parto para muito longe onde morrerei abençoando a sua lembrança.

MAGDALENA

Não. O Fernando ha de voltar e ser ainda muito feliz.

FERNANDO

Magdalena: Isto é amor para morrer comigo. O que desejo e lhe peço é que me perdoe o muito que a fiz sofrer.

MAGDALENA

Mas...

FERNANDO

Sim. Fui eu que, impensadamente, puz aquella arma ao alcance das suas mãos. Não fujo por cobardia, como póde calcular. Sou orfão... Não tenho ninguem no mundo. Salvei-a, e isso me basta. A sociedade está satisfeita. Entregou-se á Justiça o criminoso de que ella precisava. Nada mais tem a exigir...

MAGDALENA

Que nobreza d'alma a sua, Fernando!

FERNANDO

Salvando-a da desgraçada situação em que se

encontrou cumpri, apenas, o meu dever. Que culpa tinha a senhôra que eu a amasse e lhe tivesse mostrado um revólver n'um momento de delirio. (*A musica e o sussurro das creanças continuam agóra até ao fim do acto.*) A senhora é casada e digna. A que vinham, pois, os meus devaneios, se elles nunca poderiam ser realidade?

MAGDALENA

Foi o Destino, Fernando. Foi o Destino que o não quiz.

FERNANDO

Parto para nunca mais voltar, e ao dizer-lhe o ultimo adeus desejaria ver-lhe sobre os cabêlos a corôa de louros dos grandes heroismos, das grandes abnegações... Mas... ai de mim! Só lhe vêjo a aureolar-lhe o semblante a *Corôa de espinhos,* simbolo da dôr e do martirio!

MAGDALENA

Exagera, decerto.

FERNANDO

Não, Magdalena. A senhôra já não póde ser feliz e é isso o que mais me punge. Não me ama, bem sei. Mas para ser feliz era preciso que nunca me tivesse conhecido. (*Ouvem-se ao longe os sinos tocando para a Missa do Natal.*) Ouve, Magdalena? Tocam ao longe os sinos para a Missa do Natal. Noite de encantos, noite de poesia para os que teem um lár. Podiamos ter sido tão felizes....

MAGDALENA

Talvez, meu amigo. Mas é tão tarde, agora, para o pensar!...

FERNANDO

Adeus! Esqueça-me se isso lhe fôr possivel. Vou para a America. Para o paiz do ouro. Pósso ser ainda muito rico. Feliz jamais o serei. Adeus! (*Beija-lhe as mãos.*)

MAGDALENA

Perdoe-me todo o mal que lhe fiz, mas não fui eu a culpada.

FERNANDO

Não, não foi. Pela ultima vez: Adeus! (*Sae*)

MAGDALENA

Adeus! (*Ha um silencio. A musica continua. Magdalena soluça, dando, agora, largas á sua dôr.*)

Chóro. Sinto-me angustiada e parece-me que o coração me salta do peito. *Corôa de espinhos!* Quem sentirá mais os seus gólpes dolorosos?... Eu ou elle que, foragido, irá espiar, longe da patria, o crime... de muito me querer?... Oh! Porque não amei eu aquelle homem?! Porque não o adorei com todo o ardor da minha alma?!...

...E O PANO BAIXANDO, RAPIDAMENTE,
DÁ FIM AO TERCEIRO E ULTIMO ACTO DA PEÇA.

LAUS DEO

A'S 9 HORAS E 45 MINUTOS DA NOITE
DE 1 DE FEVEREIRO DE 1917.

IN TERMINIS

Para um nucleo de distinctos amadores de theatro, cujos espectaculos revestiam sempre uma acentuada feição artistica e um fim de bem entendida beneficencia, se escreveu a *Corôa de Espinhos,* por começos de 1917.

Quatro vezes ella viu a luz da ribalta, vindo a ter a sua ultima representação no magestôso Theatro Garcia de Rezende, em Evora, casa das mais brilhantes tradições, pois que pelo seu palco teem passado as maiores glorias da scena portuguesa.

O variado publico que escutou a minha peça comprehendeu-a sempre, emocionou-se com a sua acção e aplaudiu-a sem restricções.

Indulgencia? Falta absoluta de espirito critico? Gratidão pelo fim caritativo que os espectaculos sempre tiveram?... O leitor decidirá, na certeza, porém, de que a minha carreira e os meus interesses de dramaturgo em pouco serão afectados por mais severo que seja o seu *veredictum*...

Por mim, supônho que fiz uma obra com *pés* e

cabeça, algum theatro e um fundo de incontestavel moralidade. Com isso me contento.

Uma thése, apesar da feição mais ou menos romantica de toda a peça?...

Sem ridiculas pretenções devo dizer que a esbocei, que a estabeleci, mesmo: — A mulher atraiçoada pelo marido não pode socorrer-se d'essa atenuante para se desviar do caminho da honra.

Discutivel? Claro. O que é uma thése senão um principio que uns tantos aceitam, muitas vezes incondicionalmente, e outros repudiam por absurdo?...

Muito propositadamente tirei ao final do meu drama o caracter violento e emocionante dos dois primeiros actos. Pretendi triunfar pela suavidade, pela poesia d'aquella festa de creanças, em Noite de Natal, sem perder o fio da acção que vae ter o seu desfecho. Nunca me arrependi de assim ter feito porque o terceiro acto, apesar de pouco intenso, nunca foi o menos aplaudido.

*
* *

Ao fim de seis anos de escripta é publicada a *Corôa de Espinhos*, como sempre foi meu proposito. E realmente: Que destino lhe podia eu dar? Ou a atirava para o prélo ou para a chama purificadora do meu fogão. Avesso a soluções violentas optei pela publicidade. Os palcos de Lisbôa são inexpugnaveis, e eu, sinceramente, nunca tive tendencias para escalar fortalezas, nem pelas armas nem pelo suborno.

Que direi dos primeiros interpretes da minha

obra? Que se houveram brilhantemente e que ao seu trabalho fiquei devendo a maior parte do meu exito? Elles o sabem, eu lh'o afirmei por mais d'uma vez.

Na primeira pagina da peça tinha o dever de pôr um nome: O da Ex.ma Senhora D. Mariana Homem Rodrigues Santos, para quem escrevi o papel de Magdalena. Tendo-a visto desempenhar admiravelmente essa humana Maria do O', do *Codigo Penal, art.º...*, de André Brun, a apaixonada freira das *Rosas de todo o ano*, de Julio Dantas, não me enganei quanto á interpretação que ella daria á sofredora personagem que eu tinha idealisado. E' tudo quanto pósso e devo dizer da sua magistral colaboração.

* * *

Publicando a *Corôa de Espinhos* é mais uma pagina da minha vida que deixo revista e perfeitamente *arrumada*... Alguns trabalhos de theatro por ahi andam dispersos, uns publicados, na verdura dos vinte anos, outros ainda em manuscriptos, que bem mereciam cuidadosa revisão. Chegar-lhes-ha tambem a sua vez? Bom seria que assim fôsse.

E' tão agradavel a gente saber que tem as suas coisas perfeitamente em ordem...

O AUCTOR

VILA FRANCA DE XIRA,
JANEIRO DE 1923.

EM TEMPO: — Que se não dê á palavra «thése», atrás empregada, o significado rígido, inteiriço, que ordinariamente se lhe atribue. Não. O auctor da «Corôa de Espinhos» limitou-se a estabelecer um principio, como determinante do seu trabalho, n'um casal cujo marido tem no seu passado cinco anos de amores ilicitos, de esbanjamentos e, porventura, de crimes.

Não seria, evidentemente, n'uma peça de tão simples concepção que o auctor se proporia apresentar uma d'aquellas proposições arrojadas, audaciosas, com que muitos escriptores de theatro se comprazem em torturar o espirito das plateias.

Tambem é justo dizer-se aqui que já depois de impressa esta obra se representou no *Theatro Apolo*, de Lisboa, uma peça de quem escreve estas linhas e que no *Eden Theatro* deve entrar em ensaios, por estes dias, uma opereta da mesma auctoria.

CORRIGENDAS

Alguns erros de composição passaram n'esta obra, como, de resto, sempre sucede.

Aqui se corrigem os principaes:

A paginas		*16*	*deve*	*ler-se:*	flôr toda fragrancia
»	»	*25*	»	»	se conseguissemos manter
»	»	*31*	»	»	não vê que lhe perdôo
»	»	*51*	»	»	só servia para a perverter
»	»	*56*	»	»	assim tentares iludir-me
»	»	*78*	»	»	V. Ex.ª dá-me licença?
»	»	*83*	»	»	Quem ha de cuidar de ti
»	»	*84*	»	»	comunicando com a casa de jantar
»	»	*89*	»	»	perscruta a minha alma
»	»	*93*	»	»	decérto. Se eu falasse...

ACABOU DE SE IMPRIMIR ESTA PEÇA AOS
DEZ DIAS DO MEZ DE FEVEREIRO DE MIL
NOVECENTOS E VINTE E TREZ, NA NOVA
MINERVA, DE FAUSTO NUNES DIAS, EM
VILA FRANCA DE XIRA.